

MARIA CLAUDIA TEIXEIRA DA LUZ OLLÉ

UNIARTE: DESPERTANDO NOVOS OLHARES



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Campo Grande - MS
2007

MARIA CLAUDIA TEIXEIRA DA LUZ OLLÉ

UNIARTE: DESPERTANDO NOVOS OLHARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Diversidade Cultural e Educação Escolar Indígena.

Orientadora: Adir Casaro Nascimento.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Campo Grande
2007

UNIARTE: DESPERTANDO NOVOS OLHARES

MARIA CLAUDIA DA LUZ OLLÉ

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Adir Casaro Nascimento – UCDB – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Marina Vinha– UCDB

Prof^ª. Dr^ª. Mirian Celeste Martins – UNESP

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas nossas vidas;

Ao meu companheiro e querido esposo Marcus, aos meus filhos amados, Luiza, Antonio e Jerônimo, razão de todas as minhas lutas e exemplos de dignidade e união familiar, pelo apoio e paciência nos momentos difíceis, pelo entendimento das ausências, e por me abraçarem com amor, humor e apoio incondicional;

A minha mãe, Marilú, pela educação dos meus olhares;

Agradecemos aos professores do programa de Mestrado em Educação pelo o exemplar direcionamento de seus conhecimentos;

Aos queridos amigos Mirela Meira e Carlos Théo Lahorgue (*in memoriam*), por serem os principais responsáveis e incentivadores deste trabalho;

Às amigas, Ana Maria Silva e Cristiane Machado que durante os anos de estudo me acolheram em suas casas com tanto carinho;

À estimada amiga Suzana Schierholt, por ter sempre acreditado no meu trabalho como professora, coordenadora e, principalmente, no projeto UNIARTE;

Aos professores e companheiros do curso de Artes Visuais, que diversas vezes colocaram-se à disposição e ajudaram-me a conduzir durante estes dois anos o nosso querido curso. Em especial ao Marcelo Lima do Nascimento pelo registro das imagens, Scheilla Guimarães, Genivaldo Antônio Alves e Katiúscia da Silva Oliveira que foram, como diz o gaúcho, “*uns baita de uns amigos*”.

À amiga Lia Cury, que dividiu comigo dois anos de aflições, viagens, risadas, leituras, pão de queijo e, principalmente, me deu muita força para seguir em frente;

À colega e amiga Rute Josgrilberg, que com olhos e mãos de fada fez a revisão deste trabalho

À amiga Flávia Ramos, pela disposição e competência com que fez o *abstract*;

Ao amigo Paulo Roberto Rigotti, que carinhosamente e metodologicamente me auxiliou na finalização deste trabalho;

À UNIGRAN, que possibilitou a realização deste trabalho com tanta confiança;

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Agradeço, especialmente, à professora Adir Casaro Nascimento, pela preciosa e dedicada orientação, digna de sua capacidade intelectual que conduz à apreciação prazerosa dos estudos culturais, da interculturalidade e da educação.

A instituição escolar está construída sobre a afirmação da igualdade, enfatizando a base cultural comum a que todos os cidadãos e as cidadãs deveriam ter acesso e colaborar na permanente construção. Articular igualdade e diferença, a base cultural comum e expressões da pluralidade social e cultural, constitui hoje um grande desafio para todos os educadores.

Vera Maria Candau

OLLÉ, Maria Claudia Teixeira da Luz. Uniarte: despertando novos olhares. Campo Grande, 2006. 82 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que investigou as possíveis mudanças no olhar de professores e alunos do ensino fundamental e médio da região de Dourados, a partir da participação e visitação na UNIARTE, desde a XVIII edição em 2003 até a XXII edição em 2006. O evento que surgiu, inicialmente, em 1984, com o formato de semana acadêmica do curso de Artes Visuais da UNIGRAN, atingiu, com o passar dos anos, um outro *status*. Atualmente, a UNIARTE tornou-se uma mostra de artes, que visa, principalmente, à integração dos alunos e da comunidade em geral com o contexto da arte e da educação em sua contemporaneidade. No período abordado pela pesquisa, o evento recebeu um público de alunos agendados de aproximadamente trinta mil estudantes, mas, ao considerarmos o público flutuante da comunidade de Dourados e da comunidade acadêmica da UNIGRAN, temos, nesses quatro anos, aproximadamente sessenta mil pessoas. A UNIARTE promove, também, o intercâmbio efetivo entre acadêmicos, artistas, educadores, alunos dos ensinos fundamental e médio e a comunidade de Dourados e região com pesquisadores, arte-educadores e críticos de arte de diferentes regiões do Brasil. Assim, este estudo discute a importância da educação intercultural, para a qual é indispensável uma formação de professores, também intercultural. Além disso, estabelece a relação entre escola, identidade, diferença e arte, a partir das mudanças observadas no olhar sensível de alunos e professores, o que, por sua vez, possibilita a abertura para a diversidade, para o outro, para a diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-educação; Interculturalidade; Identidade e Diferença.

OLLÉ, Maria Claudia Teixeira da Luz. Uniarte: provoking a new look. Campo Grande, 2006. 82p. Paper (Master's) Dom Bosco Catholic University - UCDB.

ABSTRACT

This work is a result of a research which investigated some possible changes on the view of teachers and students at Basic and Intermediate Education from Dourados, through their participation and visit at UNIARTE, since its 18th edition in 2003 until the 22nd one in 2006. Initially, in 1984, this event arose as an academic course from Arts at Unigran but during the years it reached another status. Nowadays, UNIARTE became an art display which mainly aims the integration between students and community, putting into context art and education, in its contemporary nature. During all the research, the event entertained about thirty thousand students but with a floating public from Dourados and the academic students from UNIGRAN, over the four years, it was counted about sixty thousand people visiting it. UNIARTE also promotes an effective exchange among undergraduate students, artists, teachers and pupils from Basic and Intermediate schools with some art teachers, researchers and art reviewers from different regions of Brazil. So, this study discuss the importance of an intercultural education, although it is also essential an intercultural graduation of the teachers. The work also establish a relation among school, identity, difference and art from the changes observed into a sensitive look of the students and the teachers, making possible a diversity openness, for the others, for the difference.

KEY WORDS: Art-education, interculture, identity, difference.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ARTE COMO ESPAÇO DE CULTURA: A TRAJETÓRIA DA ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL	24
2.1 Breve histórico das artes plásticas visuais em Mato Grosso do Sul	38
3 A ARTE E SUAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS: ARTE COMO VISUALIDADE CULTURAL	43
3.1 O ensino da arte e a escola.....	44
4 A UNIARTE COMO UM ESPAÇO INTERCULTURAL	52
4.1 A UNIARTE e a cultura midiática	63
4.2 A UNIARTE e a arte-educação contemporânea.....	66
4.3 A UNIARTE e suas inter-relações com o conteúdo e o currículo escolar	71
4.4 UNIARTE <i>versus</i> UNIARTE <i>versus</i> espaço cultural.....	77
4.4.1 XXII UNIARTE: abordagens contemporâneas em arte	88
4.4.2 Relatos e Reflexões sobre a XXII UNIARTE	97
4.5 A UNIARTE e suas influências: a Escola Estadual Presidente Tancredo Neves.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
6 REFERÊNCIAS.....	120
7 BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	125

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é um estudo sobre as possíveis mudanças no olhar de professores e alunos dos ensinos fundamental e médio da região de Dourados. A partir da participação e visitação na UNIARTE, investigamos, por meio da observação empírica, de depoimentos, entrevistas orais e escritas, as mudanças ocorridas no olhar e na percepção dos alunos e professores participantes, durante cinco anos consecutivos – desde a XVIII edição, em 2003, até a XXII edição, em 2006. Porém, as duas últimas edições é que serão os focos principais de nossas análises porque nelas estão concentradas as visitas mais expressivas. Dessas participações, destacamos a Escola Estadual Presidente Tancredo Neves por se tratar da instituição de ensino com maior regularidade de visitas e expressivo número de alunos.

Pensar a importância da arte na formação cultural do sujeito, enquanto cidadão consciente e crítico, têm raízes em anos anteriores, as quais estão na educação familiar recebida pela pesquisadora. Minha relação com a UNIARTE é bastante profunda, enraizada em minhas memórias. Passei a reviver, de certa forma, a minha experiência como aluna da escolinha de arte, onde todos os anos se realizavam exposições e havia um número expressivo de visitantes. Eu ficava fascinada e orgulhosa com tudo aquilo. As pessoas olhavam, admiravam e comentavam os trabalhos. Muitas crianças que

freqüentavam o espaço da exposição buscavam em seus professores atitudes semelhantes em relação ao desenvolvimento das atividades, mas nem todos estavam preparados para transmitir a seus alunos aquela formação, que não era simplesmente o “fazer pelo fazer”, mas um processo de sensibilização entre os materiais usados e os próprios colegas; a de exploração livre e consciente desses materiais, procurando ter um equilíbrio; e o reconhecimento do próprio *eu*, passando a perceber também o outro e sua cultura.

É a partir dessas memórias que pretendo conduzir o leitor a uma rápida viagem no tempo, mostrando minha história de vida e como ela vem, desde sempre, marcada pela arte, pela educação e pela cultura.

Nasci em uma família de origem portuguesa, espanhola e francesa, uma miscigenação de raças que deu origem a inúmeras famílias no Brasil, país que traz consigo uma enorme diversidade de culturas. Perdi meu pai aos dois anos de idade, ficando minha mãe viúva muito jovem e com dois filhos para criar. E em função disso, e como os tempos eram outros, ela mudou-se para a casa de meus avós maternos, onde fui criada. Minha madrinha, a Dinda, como a chamava carinhosamente, foi atuante em minha educação, pois, a partir de certa idade, dividia-me entre duas casas: a de meus avós e minha mãe e a da querida e saudosa Dinda.

Essa trajetória deu-se em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, que faz fronteira com o Uruguai e está localizada da região dos Pampas gaúchos, Bagé – também conhecida como *Rainha da Fronteira*, por destacar-se, durante anos, pelo seu desenvolvimento agropecuário, financeiro e cultural.

Em casa, fantasias, maquiagens, música, papel e lápis estiveram a meu alcance; disponíveis para as apresentações de teatro – que costumava fazer com minhas

primas – e de música com meu irmão, ou seja, sempre tive acesso a uma infinidade de linguagens expressivas.

Minha mãe, pedagoga e arte-educadora possuía uma visão intercultural para a formação, pelo menos no que dizia respeito à educação de seus filhos. Minha vida escolar iniciou-se aos cinco anos de idade no jardim de infância e, aos seis, ingressei no primeiro ano primário, tendo a felicidade de estudar na escola da tia Helena, uma extraordinária educadora. Seu espaço escolar era bastante revolucionário para a época, pois visava a uma educação múltipla e intercultural. Uma das atividades desenvolvidas era a Festa dos Países, quando, além de vestirmos trajes típicos de cada nação, estudávamos suas respectivas culturas, e o mais interessante é que quase todas as nações tinham verdadeiros representantes ali: o espanhol, o português, o alemão, o italiano, o francês, o japonês, o libanês, o africano. De alguma forma, intencionalmente ou não, ocorria a troca de conhecimentos, veiculada através de histórias, contos, lendas, culinária, hábitos, músicas, danças e, principalmente, aprendíamos a respeitar o outro. Isso se deu na década de 1960.

Bagé contava com instituições e pessoas atualizadas e comprometidas em integrar o ensino da arte na cultura local. Entre 1968 e 1969 foi fundada em Bagé a Escolinha de Arte do Brasil¹.

O movimento escolinhas de arte do Brasil foi criado em 1948 por Augusto Rodrigues. Os anos de 1953 e 1954², Rodrigues passa na Europa, e participa ativamente

¹ É importante registrar a situação privilegiada que o movimento encontrou em Bagé, havendo ali uma história de conquistas. Nos anos cinquenta e sessenta, Danúbio Gonçalves e Maria Margarida Lemos de Carvalho haviam criado oficinas de arte para crianças. Maria Luisa Luz, em 1969, inaugurou a criação da Escolinha Odessa Macedo, vinculada à Secretaria Estadual de Educação. Além disso, Bagé havia desenvolvido uma cultura estética sofisticada, sendo estação de pouso de artistas em suas excursões em direção à Argentina e Uruguai desde o início do século XX, além de ser uma cidade privilegiada por uma elite atualizada culturalmente em relação ao Rio e à Europa. Companhias de ópera, teatro, apresentavam-se em seus palcos antes de seguirem viagem aos países do Prata. Nos anos quarenta, o Grupo de Bagé já registrava a paisagem e o povo, com uma arte plástica engajada nos ideais socialistas e estilos modernistas de traço e cor, em suas formas. (MEYRA, 2002).

em Paris, na sede da UNESCO, da Assembléia de fundação da “Sociedade Internacional de Educação pela Arte”. Rodrigues, segundo Meira (2002), falava da arte como conteúdo da experiência humana em sua dimensão qualitativa, reveladora das incertezas sobre a vida que o homem cria, inventa e mostra em sua complexidade. Influenciado pelas idéias de Herbert Read³, ou seja, a “educação através da arte”, Rodrigues dizia que a arte é a força mais importante no processo humano e, para chegar a entendê-la, é preciso conviver com ela. Ainda de acordo com a autora, seu posicionamento integrador fazia pensar a arte correlacionada à ciência e à técnica como fatores de humanização. Para ele, a mesma atividade poderia ser pensada a partir da ciência e fruída esteticamente, possibilitada pelo fazer, pelo descobrir e experimentar, relacionando-se ao meio e à própria vida. Augusto Rodrigues em seus escritos apontava para a necessidade da escola envolver-se na cultura local, acompanhar os avanços da civilização, agenciar cultura e produzir melhoramento no plano epistemológico e relacional. A partir 1960 passei a freqüentar esse espaço de arte e cultura, pois minha mãe foi uma das professoras fundadoras desta escolinha em Bagé.

Na troca com o outro aprendi a respeitar as culturas. Fui construída, desconstruída e percorri caminhos que me moldaram como sujeito, não único, mas múltiplo, repleto de indagações e dúvidas, e que busca, na pesquisa, respostas ou mais inquietações.

Em minha memória trago, também, a querida tia Mercinha (Elvira Nascimento), uma educadora com a sensibilidade dos grandes artistas, que nos fazia

² Informação obtida do site: <<http://www.penedo.com/augusto.php>>. Acesso: 12/02/07.

³ Herbert Read, Filósofo e Crítico de Arte inglês que visitou o Brasil e junto com Augusto Rodrigues fundou o INSEA (International Society for Education Through Art) organismo da UNESCO, criada em 1951. Propõe-se a promover a Arte na Educação como uma aprendizagem que proporciona valores e disciplinas essenciais ao desenvolvimento intelectual, emocional e social do homem numa comunidade. Estimula a cooperação internacional e a convivência entre os povos.

refletir sobre as questões político-sociais nos eventos da Escolinha de Arte e da Universidade de Bagé. Sobre o II Encontro das Escolinhas de Arte em 1984 ela comenta:

Somos excessivamente racionais, esmagando o mágico e o poético. A educação se faz pela abertura dos canais. Primeiramente, os sensoriais. Nossa visão, a capacidade de ver despojado e essencial que nos coloca diante do outro com o respeito profundo (seja ele o barro, o som, a cor, o homem e a sociedade). O ver além dos rótulos e dos muitos olhos introjetados em nós. Somente as experiências profundas e pessoais nos possibilitam passar do plano do ver físico para o ver humanizador. Recuperar, portanto, nossa visão, a possibilidade de comunhão com os diversos ritmos universais. A arte afina com a religião nessa busca de totalidade. Deus nos compreende na essência e nós buscamos a essência dos seres, repetindo o seu processo criador. Somos os pesquisadores da globalidade. Precisamos redescobrir a criança em suas dimensões de sensação, percepção, sentimentos e pensamentos, despojadamente colocada no mundo e sendo o mundo. Precisamos penetrar em seu contexto histórico-cultural desvelando as relações verticais (ou de dominação) ou horizontais (de cooperação) que marcam nosso momento. Esse é o grande momento da partilha e o arte educador é o celebrante dessa proposta (NASCIMENTO, 1984)⁴.

Assim, fui construindo minha trajetória. As marcas deste caminho são profundas e reconhecíveis em minha formação como pessoa e, principalmente, como professora-pesquisadora da arte, da educação e da cultura.

Iniciei a minha formação acadêmica em Bagé (RS) no curso Educação Artística. Anos mais tarde mudei-me para Dourados (MS), onde concluí meus estudos, foi quando conheci o projeto UNIARTE, o qual é objeto desta pesquisa.

A UNIARTE iniciou-se no ano de 1984, a princípio como Semana Acadêmica do, então, curso de Educação Artística, atual curso de Artes Visuais, com a denominação de SOCIARTE, em referência à Sociedade Civil de Educação de Dourados

⁴ Palestra de abertura proferida no *II encontro de escolinhas de arte*, realizado em 1984 na cidade de Bagé, estado do Rio Grande do Sul.

– SOCIGRAN. A partir de 1998, quando a instituição torna-se Centro Universitário, altera-se, também, a sua denominação: Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. O evento, a partir dessa data, passa a chamar-se UNIARTE.

Ainda em Bagé, tive a oportunidade de conviver, na faculdade, com professores que, de maneira significativa, contribuíram para minha formação: a professora Marly Meira, doutora em arte educação, artista plástica e professora com sensibilidade única, capaz de nos fazer perceber a estética da arte de forma clara, e responsável, também, pela formação consciente do professor arte-educador; Leda Ollé é outro nome marcante – apesar de não ter formação em arte, sua área específica é Letras - língua e Literatura – era professora ministrante da disciplina Fundamentos de Expressão e Comunicação Humana, quando tivemos nosso primeiro contato. Leda despertou-me para tantas inquietações, que permearam minha formação intelectual e carrego algumas comigo ainda hoje. Leda não é apenas a lembrança de uma ótima professora, mas a avó de meus filhos e grande amiga, que esteve e está presente em minha caminhada. Maria Luiza Luz, mais conhecida como Marilú, é minha mãe e foi minha professora na Escolinha de Artes e no curso de graduação. É nome presente, também, em minha formação, pois contribuiu inegavelmente para minha educação, principalmente, no que diz respeito à consciência do professor de Arte. Diante disso, pode-se perceber que a arte e a educação estão presentes na minha vida desde a infância.

Muitas inquietações marcam minha relação com a UNIARTE. Preocupo-me em encontrar respostas para as dúvidas que surgem; preocupo-me em saber que novos olhares podem ser lançados para as várias formas de manifestações artísticas que surgem a partir do contexto da UNIARTE, em um município tão rico em diversidade cultural e ao mesmo tempo pouco explorado culturalmente.

Dourados é a segunda maior cidade do Estado de Mato Grosso do Sul em termos econômicos e populacionais, sendo considerada a Capital econômica do Estado de Mato Grosso do Sul. Ao longo de sua emancipação política, ocorrida em 20 de dezembro de 1935, originou novos municípios, constituindo-se em importante pólo de desenvolvimento da região, inclusive artístico e cultural. Atualmente seu crescimento urbano é vertiginoso e as necessidades da população se tornam cada vez mais complexas, tanto no nível econômico-social, quanto no nível artístico-cultural, que carece, por sua vez, de estudos específicos sobre o desenvolvimento da produção de idéias e bens culturais.

A colonização de Dourados iniciou-se efetivamente no século XX. Até meados do século XIX, a porção meridional do Estado do Mato Grosso do Sul era habitada apenas pelos indígenas⁵. No ano de 1857, existiam somente três municípios: o de Santana do Paranaíba, Corumbá e Miranda. Em 1856, o governo imperial, através do Decreto Lei nº 1754, criou a Colônia Militar dos Dourados⁶ – que se situava, nessa época, entre os rios Santa Maria e Dourados –, instalada em 10 de maio de 1861. Segundo Silva, a colônia localizava-se “em lugar aprazível e fértil, sobre uma chapada na margem direita entrecortada por capões e vertentes que se vão encontrar no principal do primeiro e maior dos três braços que formam o rio dos Dourados, braço do rio” (SILVA *apud* GRESSLER e SWENSSON, 1988, p. 40).

A partir do término da Guerra do Paraguai (1864-1870), principalmente pela fixação de ex-combatentes e pela implantação e ação da Companhia Matte Laranjeira S/A,

⁵ O Estado de Mato Grosso do Sul possui a segunda maior população indígena do Brasil. São cerca de 60 mil índios das etnias Guarani-Kaiowá, Guarani-Nhandeva, Terena, Kadiwéu, Guató, Ofaié-Xavante, Kamba, Kinikinau e Atikum, distribuídos em 28 municípios do Estado. (Fonte: www.socioambiental.org.br. Acesso em: 06/07/2003). No município de Dourados, a Reserva Indígena conta com um espaço territorial de 3.560 hectares, divididos em duas aldeias: Aldeia Bororó e Aldeia Jaguapiru, que comportam uma população de 11 mil índios, aproximadamente, das etnias Guarani-Kaiowá, Guarani-Nhandeva e Terena dividindo o mesmo espaço.

⁶ Segundo Gressler e Swensson, a “Colônia Militar dos Dourados”, erroneamente, é denominada por muitos historiadores de “Colônia Militar de Dourados”.

que deteve o monopólio da exploração dos ervais em toda a região sul, entre os anos 1890 e 1940⁷, o povoado recebeu o nome de São João Batista de Dourados, topônimo esse conseqüente de sua proximidade com o rio Dourados. Tão grande foi o progresso e tão promissoras suas possibilidades que, já em 1900, a Resolução Estadual nº 255, de 1 de abril, criava, no Município de Ponta Porã, a paróquia de Dourados, ex-povoação de São João Batista de Dourados.

Em 1907, Dourados recebeu sua primeira escola, com a chegada do professor Manoel Santiago Oliveira e Balbina de Matos, primeira professora nomeada pelo Estado. A Região, então, povoada por colonos oriundos de diversas partes do país, revelou, por largo espaço de tempo, aspirações que estavam muito distantes de qualquer preocupação artística. Além disso, Dourados lutou contra circunstâncias adversas até a década de 1940, quando a atuação do território de Ponta Porã se fez sentir, por meio da ameaça de extinção do território de Dourados. A preocupação geral era com a própria sobrevivência e com as necessidades mais imediatas. Esse estado de coisas retardou por algum tempo o interesse da população por atividades intelectuais e artísticas. Armando Carmelo⁸ frustrou-se nos primeiros anos da década de 1960, quando procurou reunir elementos para a criação de uma casa de cultura em Dourados. Alertava ele para a necessidade de se dispensar atenção para as atividades intelectuais também: “Não podemos nos estribar somente na necessidade

⁷ Segundo Gilmar Arruda (1997, p. 17) “A região de Mato Grosso compreendida entre o Rio Paraná, Paraguai, fronteira do Paraguai e o rio Pardo foi, durante cerca de meio século, entre 1890-1940, palco da ação da Cia. Matte Laranjeira, arrendatária dos terrenos devolutos e dos ervais nativos ali existentes. A exploração dos ervais do sul iniciou-se após a guerra contra o Paraguai, expandindo-se gradualmente até o surgimento da República sendo controlada, neste período, por Thomaz Laranjeira, assumiu os arrendamentos do antigo concessionário e ampliar a área de concessões à totalidade de extensão dos ervais nativos. A Cia. chegou a arrendar no início do século cerca de 5.000.000 hectares de terras e empregando milhares de trabalhadores, a maioria procedente do Paraguai. Na década de 30, a Matte ainda mantinha arrendada uma área aproximada de 2.000.000 de hectares de terras devolutas. Sua sede central no Mato Grosso era Campanário, pequena “cidade” construída pela empresa no centro o planalto de Amambá, no início da década de 1920. Possuía eletricidade, hotel, fábrica de gelo, telefone, etc...Contava com aproximadamente 2.000 moradores”.

⁸ Armando da Silva Carmelo nasceu em 18 de outubro de 1904, em Cuiabá. Foi poeta e membro da Academia de Letras e História de Campo Grande, atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Armando era adepto da poesia clássica, rimada e metrificada.

de ampararmos a agricultura, o comércio e as indústrias”. Decepcionado, Carmelo (*apud*. LORO; FERREIRA, 1985, p. 28) desabafa em artigo publicado no jornal *O Progresso*, em 1962:

Eu sabia que era difícil a empreitada, aquela em que me abalancei a executar naqueles dias finais do ano passado, isto é, reunir os intelectuais, os amigos de boa leitura e da literatura em geral para uma troca de idéias, para uma palestra, afinal, que redundasse na fundação de um centro cultural em nossa terra (...) Eu sabia dos percalços, das pedras que iria encontrar no caminho, para atingir o objetivo.

Vinte e um anos depois, encontra-se criada pela Lei Municipal nº 1.261, de 5 de agosto de 1983, a FUNCED (Fundação de Cultura e de Esportes de Dourados). Finalmente, Dourados passa a ter um órgão responsável pela cultura do município.

Surge em 1984, a UNIARTE no princípio como uma Semana Acadêmica do, então, curso de Educação Artística, atual curso de Artes Visuais, com a denominação de SOCIARTE, em referência à sigla da SOCIGRAN – Sociedade Civil da Grande Dourados. A partir de 1998, quando a instituição tornou-se Centro Universitário alterando, por consequência, sua denominação que passou a ser: Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN, o evento passou a ter a denominação de UNIARTE, que vem sendo realizada há vinte e dois anos consecutivos e que reúne professores, pais e alunos dos três graus de ensino, bem como pesquisadores, acadêmicos, artistas plásticos, artesãos e comunidade, em uma viagem que congrega educação, arte e cultura. A UNIARTE, além de ser uma mostra que possibilita aos visitantes e participantes o contato com diversos artistas e a apreciação, em média, de mil e duzentas obras, oportuniza, também, a participação em palestras, mesas redondas e oficinas, oferecidas pelos organizadores do

evento a fim de proporcionar maior envolvimento com as questões da arte e da educação no contexto da contemporaneidade.

A qualidade do ensino é tema debatido em todos os níveis do sistema educacional brasileiro. Em nossa região, aos problemas educacionais, causados pela herança histórica, acrescenta-se a complexidade da vida atual e o grande número de informações a que somos expostos, sobretudo as crianças e jovens, o que não significa acesso ao conhecimento nem sua produção.

O sistema dominante é detentor da comunicação em massa e do acesso aos principais meios de produção cultural. Faz-se necessário, então, instrumentalizar as futuras gerações para que possam intervir nesse processo de forma crítica e transformadora, o que entendemos como exercício de cidadania e ética.

A UNIARTE possibilita a seus espectadores este exercício, além de propiciar a cada um desses visitantes o contato imediato com a obra e seu criador, contribuindo com o desenvolvimento de sua linguagem visual e expressão artística, possibilitando, também, um pensamento mais crítico e reflexivo sobre arte, oferecendo-lhes meio para o conhecer e o fazer arte, tendo como referência as manifestações dos diferentes grupos sociais.

A UNIARTE tem como princípio a relação entre educação e arte e a valorização do caráter integralizador e reflexivo do conhecimento artístico, contribuindo na formação do sujeito, pautando-se pela importância e necessidade da arte em nossas escolas e na sociedade. Aprender sobre arte exige dar sentido e significado à arte e ao fazer arte, o que se promove pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura e como conjunto de relações formais.

A UNIARTE é um espaço aberto à cultura do município, e talvez o único espaço do interior do Estado. Conforme entrevista concedida pela professora Geiza⁹: “Eu diria que a UNIARTE hoje é fundamental para o desenvolvimento de nossos alunos, além de ser o único evento deste porte em Dourados e região”. O Mato Grosso do Sul é conhecido e reconhecido por sua natureza abundante – o Pantanal – além disso, é habitado por várias etnias e por migrantes de outras regiões do país e de outros países (paraguaios, bolivianos, principalmente), ou seja, é um Estado que abarca diversas culturas. É deste local múltiplo que falo, de Mato Grosso do Sul, de Dourados, da UNIGRAN, e mais especificamente do espaço UNIARTE.

Comecei a freqüentar efetivamente a UNIARTE em 1998, quando retomei meus estudos, algo bastante desafiador depois de anos afastada dos bancos escolares, mas que me era muito prazeroso e, ao mesmo tempo, instigava-me a perceber a realidade que cercava o evento e a própria academia.

A partir de 2001 passei a trabalhar no Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. Ministras aulas no ensino superior passou a ser mais um desafio. Nunca tive medo deles, pois acredito que só superamos barreiras se estivermos dispostos a enfrentá-los. Em 2003, assumi a coordenação do então curso de Educação Artística, quando se ampliou, ainda mais, meu olhar para questões que muito me inquietavam: como seria efetivamente a formação de um professor arte-educador intercultural? Que papel teria a escola? Qual seria o papel do professor e do aluno no espaço cultural? Que novos olhares estariam sendo despertados a partir da Uniarte?

Minha busca por respostas para essas questões, só acentuava meu olhar nesse foco. Eu tinha certeza de que existiam vários olhares sobre essas questões, mas o meu

⁹ Professora da Escola Municipal Rosa Câmara. Entrevista concedida no dia 25/10/2006, durante a XXII UNIARTE.

olhar voltava-se, especificamente, para a UNIARTE e sua contribuição sócio-cultural. Surge, então, a primeira dificuldade, a de manter um distanciamento significativo entre os dois papéis, que ora desempenhava: de pesquisadora e de coordenadora do Curso de Artes Visuais. Para esse distanciamento, faz-se necessário um expressivo rigor, com vistas a evitar, tanto quanto possível, interferências no meu olhar, enquanto pesquisadora, da arte e da educação no espaço da UNIARTE.

Alguns teóricos arte-educadores como: Ana Mae Barbosa (1975, 1978, 1982, 1984, 1986, 1991), Ivone Mendes Richter (2003) e Miriam Celeste Martins (1998), conduziram-me, por meio de seus estudos, a uma percepção mais nítida dos Estudos Culturais. Mergulhei, então, em uma pesquisa bibliográfica sobre arte, educação e cultura à luz desses Estudos Culturais. Serão parceiros, também, neste trabalho Néstor Garcia Canclini (1998), Stuart Hall (2003) e Reinaldo Matias Fleuri (2003).

Os Estudos Culturais tiveram início na Universidade de Birmingham na Inglaterra, por um grupo de intelectuais reunidos em torno da discussão sobre cultura. Atualmente os Estudos Culturais estão espalhados pelo mundo e transformaram-se em um verdadeiro fenômeno internacional, estendendo-se entre vários territórios. Os Estudos Culturais nunca estiveram ligados a uma área disciplinar específica, mas, utilizou-se da antropologia, da sociologia, da filosofia, da história, da literatura, entre outras. A partir dos anos noventa, esse campo passa a abordar as idéias do pós-modernismo como, por exemplo, a discussão das identidades pós-modernas e multifacetadas, a preferência pelo local, pela mistura, pelo hibridismo e, em arte-educação, segundo Barbosa¹⁰, caracterizou-se pela entrada da imagem, de sua decodificação e interpretação na sala de aula, junto com a já conquistada expressividade. Quanto à metodologia dos Estudos

¹⁰ Sobre esse assunto conferir em Barbosa, 2003. Disponível em: <<http://revista.art.br/site-numero-00/artigos.htm>>. Acesso em: 12/02/07.

Culturais pode-se dizer que não há metodologia especialmente recomendada, mas que diversas podem ser usadas e fornecem importantes contribuições para as investigações de estudo nesse campo. A escolha da prática de pesquisa vai depender do objeto a ser estudado e do seu contexto.

O ser humano diferencia-se dos animais pela capacidade de pensar, aprender, transformar, criar, mudar, fazer história em um constante processo de mutação. Questionar esse processo é uma forma de investigar, pesquisar o que nos suscita dúvidas. Se buscamos respostas é porque algo nos traz inquietações. Para local deste estudo foi elencada uma escola de Ensino Fundamental de Região da Grande Dourados, “Escola Estadual Presidente Tancredo Neves”, os sujeitos de estudo são os professores e alunos da área de arte e sua relação com a UNIARTE. A pesquisa é exploratória e trabalha com dados qualitativos e quantitativos.

Nossos parceiros para dialogarmos durante todo o trabalho são autores que falam a luz dos Estudos Culturais, já citados anteriormente, e trabalharemos com conceitos de interculturalidade, identidade, diferença, cultura e arte. Dessa maneira, as leituras crítico-teóricas que faço dos variados autores presentes neste estudo, levam-me, em momentos diversos, a me posicionar, posições essas marcadas, sem dúvida, pelo universo cultural que me circundou e me circunda.

Segundo Richter (2003, p. 51):

O grande desafio do ensino da Arte, atualmente, é o de contribuir para a construção crítica da realidade através da liberdade pessoal. Precisamos de um ensino de arte por meio do qual as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida.

A introdução faz um breve relato da vida da pesquisadora e sua relação com a arte, com a educação e com a cultura. No segundo capítulo deste estudo, abordamos a questão da Arte como espaço de cultura, a trajetória da arte educação no Brasil e um breve histórico das Artes Plástico-Visuais em Mato Grosso do Sul. No terceiro capítulo, fazemos uma reflexão sobre arte e as relações interculturais. No quarto, tratamos a UNIARTE como espaço de cultura propondo-nos a estudar a sua relação com a cultura midiática, com a arte educação contemporânea, suas inter-relações com o conteúdo e o currículo escolar. A UNIARTE enquanto representação local (UNIARTE versus UNIARTE) e, também, enquanto representação no espaço cultural (UNIARTE x espaço cultural); e por fim a UNIARTE e suas influências: A Escola Estadual Presidente Tancredo Neves.

2. A ARTE COMO ESPAÇO DE CULTURA: A TRAJETÓRIA DA ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local.

Ana Mae Barbosa

O homem conhece o mundo através da educação e a educação em arte é indispensável para a sua formação, pois auxilia o indivíduo a ampliar sua visão de mundo e capacidade de atribuir-lhe significações. Dessa forma, entendemos que o conhecimento constrói-se no dia-a-dia, fato que nos norteou nessa pesquisa.

Para que se entenda melhor as discussões sobre a arte na escola, resgatamos seu percurso no contexto nacional, enfocando-se, sempre, aspectos da cultura educacional. Recorremos a leituras de autores, cujas obras abordam esta temática como, Saviani (1993), Gadotti (1988), Fusari e Ferraz (1992, 1993), Barbosa (1975, 1978, 1982, 1984, 1986, 1991, 1998), Duarte Jr. (1988) e Ghiraldelli Jr. (2001).

Desembarca, em 1549, no Brasil, a mando da coroa portuguesa, o primeiro governador geral, Tomé de Souza, e os primeiros padres jesuítas, chefiados pelo Pe.

Manoel da Nóbrega, com a tarefa definida de catequizar os índios. Surgem, nesse momento, as primeiras manifestações de ensino de arte no Brasil.

Os povos indígenas possuem padrões estéticos próprios ao mundo em que vivem, sendo a arte instrumento de pura expressão cultural. Entendemos cultura conforme a perspectiva de Vidal (1998, p. 369),

[...] como sendo um código simbólico compartilhado pelos membros de um mesmo grupo social específico, que através dela, atribuem significados ao mundo e expressam o seu modo de entender a vida e suas concepções quanto à maneira como ela deve ser vivida, percebemos que a cultura permeia toda a experiência humana, intermediando as relações dos seres humanos entre si, e delas com a natureza e com o mundo sobrenatural.

Portanto, percebemos que a cultura é composta de significados, idéias que estão em constante movimento. Ela é dinâmica e acompanha a própria existência. Desde os tempos mais remotos da vida humana, a criatividade vem se manifestando através dos povos ou grupos étnicos constituindo-se em cada um diferentes modos de se apresentar. As culturas indígenas percebem a arte de uma maneira própria e particular não atribuindo a ela o mesmo valor estético da sociedade ocidental. De acordo com Vidal (1998, p. 373),

[...] a arte, nas sociedades indígenas, está comprometida com outros fins sociais que aqueles a ela atribuídos na sociedade ocidental. É até certo ponto, uma arte anônima, no sentido de que o sujeito criador são coletividades, ainda que seja sempre o indivíduo concreto quem dá a marca, o selo, o gesto particular.

Na arte indígena, a imagem é evidenciada como meio de expressão e sensibilidade. Seguindo as idéias de Langer (1972, p. 81): “Toda a cultura desenvolve alguma espécie de arte tão certamente quanto desenvolve a linguagem”.

Cinqüenta anos após a chegada dos jesuítas no Brasil, as missões já não tinham mais como foco de suas atenções as atividades educacionais. Contudo, foram eles que

implantaram, desde que aqui chegaram, os seminários, cuja finalidade era propiciar a formação de novos sacerdotes, inclusive para os nativos, apesar de não demonstrarem vocação para o sacerdócio. Os seminários foram, aos poucos, ganhando importância como instituição de ensino, atendendo a uma clientela cada vez maior de estudantes leigos, que não pretendiam fazer carreira religiosa, mas apenas, se preparar para prosseguir os estudos na Europa.

A expulsão, em 1759, dos padres em missão jesuítica no país, pelo Marquês de Pombal, proporcionou um ajuste à educação, que era até então, voltada para a literatura e deixava em segundo plano as ciências e a atividade manual, ou seja, a partir da Reforma Pombalina, a escola contemplou, também, as ciências, as artes manuais e a técnica. Vale lembrar que no período pombalino foram desativados dezoito estabelecimentos de ensino secundário e, aproximadamente, vinte e cinco escolas de ler e escrever.

A reforma dos estudos que sucedeu à expulsão dos jesuítas teve como objetivo melhorar a qualidade do ensino e aumentar a quantidade de classes e de professores. Dez anos depois, iniciou-se a construção de uma nova organização escolar, para cuja metodologia se deu atenção especial, visto que contemplava as ciências, as artes manuais e a técnica. O ensino ficou conhecido no Brasil, naquela época, como aula régia. Cada aula constituía uma unidade de ensino, com um único professor, e era instalada para uma determinada disciplina, autônoma e isolada, que não se articulava, tampouco, com outras nem tampouco pertencia a qualquer escola. Não existia, na época, o currículo, como um conjunto de estudos ordenados, tampouco a delimitação da duração para o desenvolvimento de qualquer disciplina. Foi nesse período que se introduziu o desenho de modelo vivo no Brasil.

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, ocorreram mudanças na política educacional brasileira, voltadas para o desenvolvimento de profissões técnicas e científicas. Mas as escolas criadas naquele período não obtiveram êxito, pois havia escassez de mão-de-obra especializada para o trabalho técnico do ofício artístico.

D. João VI instalou as primeiras escolas de educação superior, pois precisava dar formação aos jovens para que atendessem melhor aos interesses da Corte. Criou, então, a Faculdade de Medicina, com a finalidade de preparar médicos para cuidar da saúde da Corte; a Faculdade de Direito, para formar a elite política local; a Escola Militar, cuja missão era defender o país de possíveis invasores e a Academia de Belas Artes, o que nos faz perceber que o ensino das ciências humanas deu-se pela Arte.

Em 1816, com a vinda da Missão Francesa para o Brasil, criou-se a Academia Imperial de Belas-Artes, se contratou artistas que ensinavam no Instituto de França¹¹ e que, na época, faziam a vanguarda. Joachim Lebreton foi convidado pelo rei para formar e organizar um grupo de artistas que se dispusesse a vir ao Brasil para ensinar na Academia. O Brasil até então não tinha uma escola de Arte.

Os artistas, que trouxeram o estilo-neoclássico ou academicismo e influenciariam ostensivamente na mudança de padrão estético no Brasil, tinham, também, a função de incrementar a vida na Colônia. Nesse período, o Barroco brasileiro estava em pleno desenvolvimento e, mesmo tendo sido importado de Portugal, já apresentava um caráter diferenciado, pois fora modificado pelos artistas populares e artífices brasileiros. Assim, podemos dizer que a arte barroca já era uma arte eminentemente brasileira, bem diferente do Barroco português, do espanhol e do italiano.

¹¹ O Instituto de França foi criado por Napoleão Bonaparte. Após sua queda os artistas passaram a sofrer perseguições.

O Barroco brasileiro trazia a sensualidade e a expressividade do brasileiro, do mestiço, ou seja, era uma arte autêntica e, em função disso, o povo se identificava plenamente com ela. Esse estilo aparece, principalmente, na decoração interior de igrejas com pinturas e esculturas em madeira, bronze, mármore e pedra, e foram ensinadas em oficinas de artesãos. Logo, os artistas franceses – de escola neoclássica, de linhas retas e puras – instituíram o Barroco como uma arte do povo e para o povo; as elites deveriam consagrar o estilo neoclássico, que passou, então, a ser símbolo de distinção social.

Os jovens artistas brasileiros tinham verdadeira atração pela Academia de Belas Artes, criada pela Missão Francesa e, como consequência dessa atração, a arte ensinada nas oficinas vai perdendo espaço para o ensino acadêmico, que exigia de seus estudantes longos e rígidos exercícios de cópia e observação, revelando a arte como técnica reprodutivista e autoritária.

A primeira reforma educacional da República ocorreu em 1890, ficou conhecida como Reforma Benjamin Constant e atendia às pressões políticas e sociais, concedendo a equiparação das escolas estaduais e federais. Promovia, também, a modernização do ensino aos moldes europeus da época, fez-se, assim, pela introdução das Ciências Positivistas num currículo secundário seriado e, mais que nunca, propedêutico.

A Reforma Benjamin Constant, aprovada em 22 de novembro de 1890 pelo Decreto-Lei nº 1.075, deu origem a dois movimentos: o positivismo, que defendia a idéia do ensino do desenho para educar a inteligência e como preparação para a linguagem científica; e o liberalismo, que apoiava a idéia do ensino do desenho como formador de força de trabalho e como preparação para a linguagem técnica. Com o entrelaçamento dessas duas propostas introduz-se, nas escolas primárias e secundárias, o desenho

geométrico e a cópia, que vão fazer parte dos estudos escolares até os primeiros vinte anos do século XX.

Em 5 de abril de 1911, aprovou-se a lei Rivadária Correa, pelo Decreto-Lei nº 8.659, que restringia ao governo a função de mantenedor das instituições educacionais de ensino superior. Portanto, desoficializou-se o ensino, por intermédio da concessão de sua plena autonomia didática e administrativa. Com o fim do monopólio estatal para concessão de diplomas e títulos, o Estado se afastava, também, do controle sobre privilégios políticos-sociais. Essa nova lei retirava a função propedêutica do ensino secundário, que a legislação anterior havia reforçado.

A lei Rivadária Correa teve como consequência a não interferência e fiscalização por parte do governo nos programas de ensino, resultando em uma enorme desuniformidade dos conteúdos ministrados, pois os programas de ensino eram organizados pelos docentes e aprovados ou não por cada instituição responsável. Apesar de toda a liberdade proposta pela reforma o ensino do desenho não sofre alteração metodológica.

No início do século XX, segundo Barbosa (1978, p. 31):

Até pelo menos o final da Primeira Guerra Mundial, tivemos um prolongamento das idéias filosóficas, políticas, pedagógicas e estéticas que embasaram o movimento republicano de 1889, refletindo sobre objetivos do ensino da Arte na escola secundária e primária. É bem verdade que, neste período, podemos constatar já uma tímida preparação para as idéias modernistas que eclodiram em 1922, data demarcadora em nossa cultura.

Os movimentos culturais, surgidos no início do século XX em clima de entusiasmo e renovação, resultaram na Semana de Arte Moderna de 1922, com a intenção de uma nova reforma educacional brasileiro. Nesse período, o desenho ainda é

considerando tão somente uma forma de escrita, como podemos observar na afirmação de Ana Mae Barbosa (1978, p. 36):

A identificação do desenho com a escrita que ultrapassou a barreira do Modernismo, foi argumento não só para tentar vencer o preconceito contra a arte como também argumento para demonstrar que a capacidade de desenhar era natural aos homens ou, pelo menos acessível a todos e não a um dom ou vocação excepcional.

Assim, o desenho geométrico dominou o ensino na escola primária e secundária nas primeiras décadas do século e a ele acrescentou-se o desenho figurado e o desenho de ornato ou arte decorativa com influência da Escola de Belas Artes e do Liceu de Artes e Ofícios. Ainda segundo Barbosa (1978, p. 38): “A luta pela preponderância de uma destas categorias sobre as outras existiu e se prendeu, de um lado, a princípios político-sociais e, de outro, a concepções artísticas”.

Nesse período, o Brasil é influenciado pelos ideais humanistas vindos da Europa e dos Estados Unidos, os quais trouxeram renovação ao ensino de arte nas séries iniciais; mesmo assim a metodologia do desenho não é alterada; reproduzir desenhos continua a ser uma prática usada como recurso visual para a motivação da aprendizagem.

Os escritos de Mário de Andrade, veiculados durante a Semana de 1922, alteraram algumas conotações no ensino do desenho, suscitando a reflexão sobre a produção artística infantil. A Semana de Arte Moderna teve influência marcante sobre o ensino da arte no Brasil, isto é, a partir dela que surgem as preocupações com a renovação desse ensino, pois era dever dos professores proteger a expressão criadora da criança, deixando-as criar livremente, respeitando sua sensibilidade e autenticidade em seu fazer artístico.

John Dewey, Victor Lowenfeld e Hebert Read – educadores estrangeiros, começam a influenciar no ensino de arte no Brasil – em seus estudos sobre a função educativa da experiência da criança, em suas diferentes fases de desenvolvimento e de sua consciência estética, apontam que a educação pela arte levaria a criança à liberdade pessoal de criação e a uma melhor integração social. Havia, nesse período, forte influência da ciência da moda à época, a psicologia, que valorizava o inconsciente e a espontaneidade de expressão.

O Movimento Escolinha de Arte do Brasil surge em 1948, no Rio de Janeiro, introduzido pelo educador Augusto Rodrigues, influenciado pelas idéias propostas por Read, o qual enfatizava que toda e qualquer civilização, que pretendesse almejar uma escala de valores culturais sólidos, deveria implantar uma educação que considerasse a sensibilidade da criança a base de seu desenvolvimento mental, entendendo a sensibilidade como uma qualidade humana. De acordo com Meira (1984, p. 83-4):

Augusto Rodrigues e mais um grupo de educadores e artistas sentiam a necessidade de criar uma forma de ensino, alguma coisa que não sabiam bem o que era, que faltava à educação formal, à qual, sob seus pontos de vista, faltava liberdade, espontaneidade e criatividade. Ao mesmo tempo, sentiam a necessidade de eles próprios sentirem-se criadores em sala de aula, ao invés de meros reprodutores de conteúdo.

A Escolinha de Arte surgiu como uma proposta inovadora no contexto nacional, Rodrigues cria ateliês e oficinas para crianças e adolescentes, para que desenvolvessem a auto-expressão, desenhando, pintando e criando livremente; enfatizava, também, a importância da cultura brasileira. Aos poucos, a Escolinha de Arte conquista seu espaço junto a educadores e artistas da época. Em meados de 1950, professores participavam de cursos e estágios na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, e, em conseqüência, difundiam as idéias de Augusto Rodrigues. Esses professores se propuseram

a trabalhar, na educação formal, alguns itens como: liberdade, espontaneidade e criatividade.

A Escolinha de Arte funcionou como centro de treinamento de professores, cujos pilares Rodrigues define na seguinte afirmação: “Os princípios básicos nos quais nos norteamos são imutáveis: o profundo respeito ao outro, a criatividade como elemento essencial de vida e paz entre os homens como o mais elevado pressuposto da educação” (RODRIGUES, 1972, p. 3).

A partir desse período começam a surgir pólos da Escolinha de Arte em diversos lugares do Brasil, e, em 1958, o Governo Federal cria classes experimentais nas escolas primárias e secundárias e orienta os professores a ministrarem uma educação mais dinâmica e criativa. Entretanto, essa orientação não garantiu o reconhecimento do ensino da arte como área propulsora ao desenvolvimento integral do ser humano, mantendo-se, ainda, a visão do século XIX, ou seja, a arte vinha em segundo plano no currículo brasileiro. Persistia, assim, a idéia de arte como sendo produto de luxo, elitizado e disponível às classes sociais mais favorecidas ou a uma elite cultural, que não reconhecia as manifestações artísticas populares, e ao mesmo tempo, impedia a essa população o acesso à arte, reprimindo-a em suas manifestações artísticas e estéticas.

Até os anos 60, existiam poucos cursos de formação de professores em arte, tendo as escolas o poder de colocar em suas salas de aula professores graduados em outras áreas de formação para ministrar aulas de desenho, desenho geométrico, artes plásticas, música e arte dramática.

A promulgação, em 1961, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, trouxe uma mudança social e um fortalecimento cultural na educação brasileira. Nesse período cria-se a Universidade de Brasília (UnB), cujo departamento de arte-educação,

volta-se para a sistematização da arte na escola e tem uma proposta educativa baseada nas idéias de Herbert Read (1958), filósofo inglês que, como já mencionamos, pregava a educação pela arte¹².

Em 1964, com o golpe militar, o Brasil sofre com a repressão que atinge todos os setores da nação – o político, o econômico, o cultural e o artístico. A ditadura faz com que o povo se cale e aceite regras que vão atingir a educação nacional. A arte perpassa, nesse momento, por uma dicotomia: a valorização da atividade livre e extracurricular e a arte voltada para a experimentação nas escolas públicas, conforme proposto pela LDB/61. A proposta de reformulação do 1º e 2º graus com a lei 5.692/71 foi uma imposição da tendência tecnicista, encerrando uma luta que vinha desde os anos 20 pela obrigatoriedade da arte na escola. Assim, arte é incluída no currículo escolar com a denominação de Educação Artística¹³.

A lei 5.692/71 dispõe em seu artigo 7º:

Será obrigatória a inclusão da Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o dispositivo no decreto-lei nº 869, de 1º de setembro de 1969.

Mas, se por um lado a lei institui o ensino da arte nas escolas mesmo como atividade, por outro, o país – em pleno regime ditatorial no qual é censurada toda e qualquer atividade artística – tem sua arte escamoteada e passa a ser valorizada apenas como instrumento a serviço da indústria e da tecnologia, garantindo uma produção voltada para o consumo.

¹² Parte-se, portanto, do princípio de que o objetivo geral da educação é o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence. (READ, 1958).

¹³ Disciplina incluída no sistema de ensino brasileiro pela lei 5.692/71. O uso da terminologia Educação Artística se mantém atualmente apenas como curso de graduação.

A década de 70 iniciou-se com promessas de prosperidade, fomentadas pelo entusiasmo de setores empresariais satisfeitos com os altos índices de crescimento econômico. Pode-se dizer que esse crescimento não significou melhoria na condição de vida da população, pois esse período é marcado por forte repressão militar – era o governo “linha dura” do general Emílio Garrastazu Médice. (XAVIER, 1994, p. 245). O ensino da arte nessa década preconizava a aprendizagem por intermédio de reproduções de modelos e de técnicas; as tarefas eram pré-elaboradas e distribuídas aos alunos, sem levar em conta a realidade da escola e a do próprio aluno. Tinha-se, então, um ensino com base no tecnicismo, ou seja, o 1º grau era voltado para a iniciação ao trabalho e o 2º grau, para a habilitação profissional. Permanecia o conceito de Arte como mera atividade, desprezando-se o pensamento reflexivo na construção do trabalho plástico.

Os anos 80 do século XX foram marcados pelo fim do regime militar e por inúmeras lutas encampadas pelos arte-educadores. Segundo Ghiraldelli Jr. (2001, p. 213):

Intelectuais progressistas, ferrenhos opositores à ditadura militar, foram repentinamente guindados da sociedade civil para a sociedade política. No caso da educação, esse fato ocorreu e marcou não só o início de uma nova etapa na política educacional do país, mas, principalmente, uma rede-limitação no aspecto pedagógico.

Em novembro de 1986, aprovou-se a reformulação do núcleo comum para os currículos de 1º e 2º graus, determinando como matérias básicas: português, estudos sociais, ciências e matemática, eliminando-se, então, a área de comunicação e expressão. O que aconteceu com a Educação Artística que pertencia àquela área? Passou a constar de um parágrafo, que dizia ser a educação artística exigência curricular. Nesse mesmo ano o

Conselho Federal de Educação condenou a arte ao ostracismo nas escolas. (BARBOSA, 2005).

A partir desse momento os professores e educadores de arte, tanto da educação formal como da não-formal, se organizam, junto aos órgãos governamentais em lutas a favor da arte. Esse movimento nomeou-se arte-educação e buscava uma política educacional definida para o ensino da arte e para os reflexos da formação do perfil do professor de arte, conforme Ana Mae Barbosa (2005, p. 4):

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano.

Nessa perspectiva, entendemos que a arte é fundamental para que possamos perceber melhor o mundo e formular novas significações, transformando o sujeito, fazendo-o mais crítico e participativo na vida política e cultural do país. A identificação de criatividade com autoliberação, poderá ser explicada com o respeito que os professores de arte deram para a situação social e política vivida no país naquele momento, pois, segundo Barbosa (2005, p. 11):

Em 1983 nós estávamos sendo libertados de dezenove anos de ditadura militar que reprimiu a expressão individual através de uma severa censura. Não é totalmente incomum que após regimes políticos repressores a ansiedade da autolibertação domine as artes, a arte-educação e os seus conceitos.

A união dos arte-educadores teve início em 1980, quando a Universidade de São Paulo (USP) reuniu cerca de 2.700 arte-educadores para o evento *Semana de Arte e Ensino*, e discutiu aspectos políticos estabelecidos em torno do problema de isolamento do ensino da arte; a política educacional para a arte-educação e a ação cultural do arte-

educador na realidade brasileira. Desse encontro surgiram organizações associativas profissionais a fim de iniciar um diálogo com o governo nas esferas federal, estadual e municipal e ainda conforme Barbosa, regionalizar os procedimentos com respeito à diversidade cultural do país. Em 1988, após a constituição, deu-se início às discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que provocou conflito entre educadores e governo.

Houve grande esforço por parte dos arte-educadores para que a arte se tornasse um componente curricular obrigatório e tivesse o seu espaço garantido pelas autoridades na educação brasileira. A luta não foi perdida, na Lei nº 9.394/96 (artigo 26 e parágrafo 2º), revogou-se as disposições anteriores e a arte passa a ser considerada obrigatória na educação básica:

O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (PCN, 1997, p. 28).

Iniciam-se, portanto, os anos de 1990 com um novo vigor para o campo das artes e os professores empenham-se para a melhoria do seu ensino. Ocorre, também, a valorização desse profissional e propõe-se um redimensionamento de seu trabalho, visando a mostrar sua importância profissional e política junto à sociedade. A década de 90 é marcada, ainda, por novos posicionamentos e novas *práxis* ao se pensar a arte na escola.

A LDB 9.394/96 informa, no Capítulo II sobre educação básica que a terminologia Educação Artística é substituída pela expressão oficial “Ensino de arte”, como componente curricular de diversos níveis de educação básica. No ano de 1998 e 1999 foi divulgado por todo o país, através do Ministério da Educação (MEC) e da

Secretaria de Educação Fundamental (SEF), com apoio dos educadores brasileiros (PCNs¹⁴ – Parâmetros Curriculares Nacionais) o reconhecimento da arte no currículo escolar, dando-lhe o mesmo tratamento e importância estipulados às demais disciplinas. É também na década de 1990, que Ana Mae Barbosa propõe uma nova metodologia para o ensino da arte, denominada “Proposta Triangular”, afirmando que:

Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura é fundamental, e a leitura da imagem artística, humanizadora. Em arte-educação, a proposta triangular, que até pode ser considerada elementar se comparada com os parâmetros educacionais e estéticos sofisticados das nações centrais, tem correspondido à realidade do professor que temos e à necessidade de instrumentalizar o aluno para o momento em que vivemos, correspondendo ao valor fundamental a ser buscado em nossa educação: leitura e alfabetização (BARBOSA, 1998, p. 35).

A proposta triangular propõe que se trabalhe a arte a partir de três pressupostos básicos: a criação, que é o fazer artístico; a leitura da obra de arte e a contextualização. O ensino de arte, atualmente, nos remete a outros olhares, nos faz refletir sobre o outro, sobre a pluralidade cultural que nos cerca, em que as diferenças são o foco das atenções na formação de indivíduos comprometidos com a sociedade deste início de milênio.

O conhecimento é construído no dia-a-dia. É um processo, uma construção coletiva e a escola tem papel fundamental na elaboração desse conhecimento, fazendo com que os sujeitos envolvidos percebam a variedade de identidades que se constituem à sua volta. A educação intercultural, entendida por Richter (2003) como o termo que implica uma inter-relação de reciprocidade entre culturas¹⁵, nos conduz, hoje, ao espaço de uma

¹⁴ Documento elaborado em 1998, pelo MEC, SEF, em parceria com educadores brasileiros, intencionando/objetivando a ampliação e aprofundamento e um debate educacional ao nível de projeto educativo e reflexo da prática pedagógica nas escolas, de forma a instruir/instrumentalizar e contribuir para a formação e atualização dos profissionais de educação.

¹⁵ “O termo interculturalidade seria, portanto, mais adequado a um ensino-aprendizagem em artes que se propusesse estabelecer a inter-relação entre os códigos culturais de diferentes grupos culturais”. (RICHTER, 2003, p.19).

sociedade construída a partir de diversidade de culturas, em que as identidades sociais se formam em função dessa diversidade e não são fixas, ou seja, podem se transformar.

Percebemos, assim, que estar em sala de aula – sobretudo em um país que agrega diversas etnias, além de questões de gênero, classe, sexo com suas especificidades – significa cercar-se de inúmeras identidades, assumindo elas diferentes significações para cada sujeito em relação a seu contexto histórico. Cabe aos educadores promover ambientes de aprendizagem que auxiliem na formação cultural de seus alunos, nos mais variados códigos culturais, pois o ser humano traz consigo um mundo próprio, repleto de saberes, de histórias e de desejos que o coloca em cena como um sujeito único e capaz de interagir com o outro, com capacidade para, além de ensinar, também aprender. A arte, por ser dinâmica e estar em constante construção, passa a ser parte integrante desse sujeito, que a cada momento é tomado por novas possibilidades em realidades não imaginadas.

A arte deixa de ser tomada como simples distração ou “passatempo”, e passa a ser facilitadora de uma compreensão, além de formadora da consciência sobre quem somos e sobre o mundo.

2.1 Breve histórico das artes plástico-visuais em Mato Grosso do Sul

No século XX, ampliaram-se as conquistas técnicas e científicas, promovendo acelerado progresso mundial, tanto industrial quanto tecnológico. O capitalismo organizou-se e se desenvolveu, fazendo surgir os primeiros movimentos sociais que, por sua vez, passaram a interferir nas sociedades industrializadas. Em toda a sociedade, as diferenças de classe tornaram-se mais evidentes.

Nas primeiras décadas do séc. XX ocorreram, também, profundas conturbações políticas internacionais: a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, o surgimento do Fascismo na Itália e do Nazismo na Alemanha, que, por sua vez, originaram situações políticas novas que culminaram com a Segunda Guerra Mundial. Ocorreu, ainda, naquele século a conquista do espaço, o uso crescente de computadores e de satélites, que proporcionaram a comunicação imediata entre partes distantes do mundo. Mas, ao lado desses avanços, acentuaram-se, também, as disparidades sociais.

Foi nesse contexto, rico em contradições, que se desenvolveu a arte do novo tempo. Os movimentos e as tendências artísticas das vanguardas européias e americanas – tais como o Expressionismo, o Fovismo, o Cubismo, o Futurismo, o Construtivismo, o Abstracionismo, o Dadaísmo, a Pintura Metafísica, o Surrealismo, o Muralismo Mexicano, o Preciosinismo Americano¹⁶, o Modernismo Brasileiro, a Op-arte, a Pop-art, entre outros – expressavam, de um modo ou de outro, a perplexidade do homem contemporâneo diante de um mundo fragmentado.

Assim, o início do século XX se caracterizou, tanto na Europa quanto no Brasil, pela tentativa de renovação dos valores artísticos e culturais, num mundo marcado por violenta crise, que desencadeou não só as duas grandes guerras, como também um sem número de guerras civis, além de profundas transformações políticas, sociais e econômicas nas mais diversas sociedades.

No período compreendido entre os acontecimentos que levaram à Primeira (1914-1918) e à Segunda (1939-1945) Guerras, surgem os movimentos artísticos

¹⁶ Carol Strickland denomina o modernismo nos Estados Unidos de Preciosinismo. Conforme a autora: “Os precisionistas trilharam a linha de fronteira entre a representação e a abstração, simplificando as formas a um extremo de parcimônia geométrica, usando retângulos de bordas bem definidas para indicar enormes arranha-céus e fábricas” (STRICKLAND, 1999, p.140-141).

denominados vanguardas¹⁷. Esses movimentos, considerados radicais, alteraram o rumo de todas as artes, pois: “Expressavam-se, tanto através de suas temáticas como de seus procedimentos artísticos, o clima de intensa ebulição com o qual interagiam” (HELENA, 1996, p.6). Embora marcados por diferenças, esses movimentos tinham em comum o questionamento da herança cultural recebida e estavam de acordo quanto à falência dos modelos acadêmicos e conservadores vigentes na arte.

Houve, ainda, movimentos como o Muralismo Mexicano (1910) e o Modernismo Brasileiro (1915-30), por exemplo, que extrapolaram as fronteiras originais e ganharam o mundo. Essas vanguardas artísticas evidenciadas no interior do Modernismo, por volta de 1910 – não mais preocupadas apenas em modernizar ou se atualizar como os primeiros modernistas –, pretendiam revolucionar radicalmente as modalidades e finalidades da arte (ARGAN, 1992, p.185).

Ao se analisar a evolução da Arte Ocidental, vê-se que foi no século XX que se produziu a ruptura mais radical com o passado. A arte do século XX não apenas decretou que qualquer tema era adequado, como também libertou a forma das regras tradicionais e livrou as cores da obrigação de representar com exatidão os objetos e as coisas. Os artistas modernos desafiavam as convenções. Segundo Strickiland (1999, p. 128):

No coração dessa filosofia de “rejeição do Passado”, chamada Modernismo, havia a busca incessante de uma liberdade radical de expressão, na qual a arte se afastava gradualmente de qualquer pretensão de retratar a natureza, seguindo na direção da pura abstração, em que dominam a forma, as linhas e cores.

Vale lembrar que no Brasil, nessa época, vivia-se um clima de efervescência, motivado pela discussão dos procedimentos artísticos europeus paralelamente a dos

¹⁷ Vanguarda vem do francês *Avant Garde*, “guarda avante”, uma referência ao batalhão militar que precede as tropas em ataque durante uma batalha. Daí deduz-se que vanguarda é aquilo que “está à frente”.

problemas artísticos e culturais internos, fatos que desencadearam o Modernismo Brasileiro e provocaram a renovação das artes, culminando com a Semana de Arte Moderna. A esse respeito, Lúcia Helena (1989, p. 41) comenta: “Embora o Modernismo Brasileiro fosse fortemente influenciado pelas vanguardas européias, tomou uma feição própria, adaptada às condições culturais, econômicas e políticas peculiares no país”.

Antes dos anos 20, foram feitas, em São Paulo, duas exposições de pintura que colocaram a arte moderna de forma concreta para os brasileiros, provocando grande polêmica em relação aos adeptos da arte acadêmica: a exposição de Lasar Segall, em 1913, e a exposição de Anita Malfatti, em 1917. Em 1921, o grupo modernista já estava formado e, apesar de múltiplas tendências e divergências, encontravam-se unidos em torno de um objetivo comum – a renovação das artes no Brasil.

Os modernistas brasileiros contestaram os padrões acadêmicos oficiais e pretendiam colocar a arte brasileira em compasso com a arte mundial. As primeiras manifestações de impacto aconteceram nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, com a realização da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo. A Semana tinha como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa e foi o estopim de um processo que se consolidaria, depois, através dos manifestos, revistas e obras. Essa primeira fase do Modernismo Brasileiro é chamada de Fase Heróica (1920-1930) por apresentar um caráter guerreiro e desbravador. Segundo Helena (1989, p. 42): “As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro formavam o núcleo inicial do Modernismo que, gradativamente, alcançaria outras cidades brasileiras após a década de 30, principalmente em Minas Gerais e parte do Nordeste”.

Em Mato Grosso, entretanto, o modernismo ou a modernidade artística, enquanto movimento estético e cultural, só aparece a partir das ações artístico-culturais da

Associação Mato-Grossense de Artes no final da década de 1960. No que diz respeito, especificamente, ao estado de Mato Grosso do Sul o pesquisador Paulo Rigotti (2000, p. 112) considera que:

O processo de desenvolvimento das artes plásticas a partir da divisão do Estado apresenta-se como um momento na história e no percurso das artes plásticas nessa região que necessita ainda de pesquisas mais aprofundadas para a sua melhor compreensão. No momento, o que se pode observar nas décadas posteriores à criação e implantação do Estado de Mato Grosso do Sul é que alguns artistas plásticos canalizaram esforços para a redefinição de suas linguagens plásticas e dos valores culturais na região, além de propor uma integração com os países vizinhos, como a Bolívia e o Paraguai.

Mato Grosso do Sul, ao longo de várias décadas, buscou sua identidade cultural. Dourados, ao mesmo tempo em que buscava se estruturar culturalmente, trazia a necessidade de projetar seus artistas locais em nível nacional.

A partir da década de 1960, a população da região, praticamente triplicou. Esse aumento foi provocado, em parte, por levadas de agricultores provenientes da região Sul do país, principalmente do Rio Grande do Sul, que vieram somar-se à população aqui já radicada, formada, notadamente, de nordestinos, imigrantes japoneses e antigos moradores, oriundos também do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraguai e indígenas de diversas etnias. Esses imigrantes traziam com eles suas tradições e culturas diferentes. O olhar do outro, do imigrante, já vem com seu próprio sentido de arte, de estética e de suas representações.

Como sabemos, o homem tanto cria como reestrutura e transforma os elementos culturais já existentes. Sua identidade é um processo dinâmico e em desenvolvimento. O futuro é consequência tanto do que se faz hoje, no presente, quanto do passado, do que está feito e serve como registro das vivências e, ainda, como referência para a vanguarda produtiva e transformadora da realidade sócio-cultural.

3 A ARTE E SUAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS: ARTE COMO VISUALIDADE CULTURAL

Precisamos levar a arte que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se patrimônio da maioria elevando o nível de qualidade de vida da população.

Ana Mae Barbosa

A visualidade fixa ou móvel, em nosso dinamismo vital, é um componente de confronto crítico e sensível, o que de imediato nos põe em contato com a cultura visual local e global. Ela nos chega ao pensamento pela via sensorial e pelos processos de significação e imaginação formando um contexto de sentido a apreciar, interferir ou avaliar. Isso ocorre simultaneamente e de modo complexo, caótico. A relação entre o global e o local nos insere em referenciais visuais, entre os quais os da arte, e nos oferecem um campo específico de trabalho com as imagens. Em razão da abundância de estímulos visuais que as imagens hoje propõem, a visualidade vive numa perpétua batalha, a qual o objetivo visual disputa com os demais a atenção e a compreensão para imediata ou remota aplicação na ação cotidiana. Fazer olhar, sentir, interpretar, criticar, apropriar-se, são metas dos que usam a visão estrategicamente no plano político, econômico, ideológico e

mitológico, além de científico, artístico e filosófico, que negociam ou resistem aos demais em termos de presença social.

É preciso redefinir os termos ética e estética, em termos poéticos, para pensar a contemporaneidade, uma vez que sincretismos de todo o tipo estão sendo plasmados entre o ver, o sentir e o trabalhar. O trabalho com a arte na educação contextualiza-se neste universo de visibilidades, onde vários regimes de visão disputam entre si um lugar na compreensão das pessoas.

Em Dourados, Mato Grosso do Sul, as estratégias de ação cultural incluem o ensino de arte. Dessa inclusão é que os eventos da UNIARTE começaram a ser concebidos no sentido de ampliar essa compreensão. É sabido que olho, mão, gesto, expressão corporal andam lado a lado quando se trata de criar uma obra de arte. Os eventos permitem confrontar o que os alunos estão fazendo em suas práticas pedagógicas e o que a arte propõe como questão ao contexto cultural imediato e remoto da atualidade. A relação que os eventos permitem estabelecer é, pois, um espaço em que estética, ética, política cultural e fazer artístico se remetem uns aos outros para serem refletidos e pensados. Desencadeiam problemáticas às quais as teorias contemporâneas muito têm a esclarecer.

3.1 O ensino da arte e a escola

A arte e a educação são indispensáveis para a formação do indivíduo no momento em que ampliam as relações do saber a partir da produção sistematizada do conhecimento. Estar na escola é conviver constantemente com alguém, com o outro, é estar

em contato com inúmeras identidades e diferenças. Não podemos pensar em escola sem sujeitos, sem identidades, tampouco em identidade sem a manifestação da diferença.

Como sabemos, a arte é um fenômeno comum a todas as culturas, da pré-história aos dias atuais e está presente em todas as manifestações culturais da humanidade, seja em sua forma mais simples, como as pinturas rupestres, a ornamentação do corpo com grafismos e tinturas, seja na sua forma mais sofisticada, através da avançada tecnologia. Segundo Coli (1995, p. 8):

Arte é uma coisa difícil de definir. Arte são certas manifestações da vida humana diante das quais o nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia.

Podemos dizer que a arte é o registro de nossas ações sensíveis, a maneira que descobrimos para nos revelar ao mundo. A arte é considerada em sua tríplice dimensão de técnica, mimese e expressão. A arte é um fazer: operação construtiva, ato de formar e transformar os signos da natureza e da cultura. A arte é um conhecer: modo de representação que percorre um caminho, cujos extremos se chamam naturalismo e abstração. A arte é um exprimir: projeção da vida interior que vai do grito à alegoria, passando pela vasta gama dos símbolos e dos mitos. (BOSI, 2004).

Despertar a imaginação, a percepção e a criação coletiva das pessoas através da arte, desenvolvendo um olhar mais sensível e qualificador sobre o mundo tem sido, ao longo dos anos, um dos objetivos de se ensinar arte nos níveis fundamental, médio e superior. A arte é uma das construções do saber humano, é a concretização que provém de uma criação que leva o homem à magia da construção e do fazer. “A obra de arte é essencialmente a fusão de uma realidade externa, baseada na percepção, e uma realidade interna, experimentada como sentimento” (MILNER *apud* FRANG, 2001, p. 34).

Além do sentir, perceber, compreender, observar, imaginar, sonhar, transferir, transformar, participar, criar, pensar, a arte contribui para desenvolver a criação, a percepção estética e a cidadania. E, ainda, desenvolver a expressão, a comunicação, a ética, os vínculos, os afetos e constitui-se um campo privilegiado de conhecimento específico, o sensível, que envolve um fazer e um apreciar e exige igualmente a informação, a elaboração de idéias, de hipóteses e de esquemas pessoais. Acaba, assim, criando um campo de sentido que trabalha a imaginação, o cotidiano, a natureza, a cultura, o compromisso, a participação social, a transformação, a qualidade de vida, o compromisso político e as relações sociais, condições que, além de fundamentais para a construção do ser humano, inserem-se nas buscas mais amplas pelo conhecimento na contemporaneidade.¹⁸

Se buscarmos no Novo Dicionário Aurélio encontraremos várias definições para a palavra escola. No entanto, ficamos aqui com duas que parecem as mais apropriadas: “estabelecimento público ou privado onde se ministra, sistematicamente ensino coletivo; e estudo, conhecimento, saber” (FERREIRA, 1999). Pelas definições estabelecidas entendemos que a escola normatiza seus conhecimentos transmitindo-os aos alunos coletivamente desconsiderando, na maior parte do tempo, a infinidade de olhares, de mundo e de culturas que ali se fazem presentes. Nesse sentido, Richter (2004, p. 143) afirma que: “[...] ao olhar para outras culturas também o observador altera e renova sua própria visão de mundo”. Assim, é dever da escola perceber as diferentes culturas presentes no espaço escolar e contribuir na formação dos indivíduos inseridos nesse contexto.

¹⁸ Sobre esse assunto, conferir em: Barbosa, 1999; Bosi, 2003; Ostrower, 2003.

O conhecimento é elaborado no dia-a-dia, é um processo, uma construção coletiva. A escola tem um papel importante na construção desse conhecimento, fazendo com que os sujeitos envolvidos percebam a variedade de identidades que se constituem a sua volta. Isso se dá a partir de uma perspectiva de uma pedagogia intercultural.

A educação intercultural nos conduz ao espaço de uma sociedade construída através de uma grande diversidade de culturas. As identidades sociais que se formam pela diversidade não são fixas, podendo sofrer transformações. Segundo Stuart Hall (2001, p. 16-17):

As sociedades modernas não têm nenhum núcleo identitário fixo, coerente e estável. As sociedades modernas [...] não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única causa ou lei, uma vez que são caracterizadas pela diferença, ou seja, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeitos – isto é, identidades.

Entendemos, pelo exposto, que as escolas brasileiras são formadas por uma grande variedade de culturas, cada uma com seus significados e que se relacionam individualmente de acordo com sua história de vida.

Assim, cabe aos educadores promover ambientes de aprendizagem que auxiliem na formação cultural de seus alunos, em seus mais variados códigos culturais.

A disciplina de arte na escola ajuda o sujeito a perceber entre outros, com maior clareza, a diversidade de culturas a sua volta. Enfatizando que podemos conhecer a cultura de um país através da arte, Ana Mae Barbosa (1998, p. 16), afirma que:

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças.

A escola está imersa em um universo de culturas que é identificado por Cancline como “Culturas Híbridas”. O autor entende por hibridação “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (2003, p. xix). O autor entende, portanto, que o termo hibridação engloba diversas culturas que se misturam e se cruzam, contribuindo para que se possa identificar vários tipos de aliança. Esse processo de hibridação pode ser observado, de forma bastante nítida, na sala de aula. Ao receber inúmeros sujeitos, portadores cada qual de suas especificidades, recebe também, descomprometidamente, uma enorme diversidade de olhares. Esses olhares se cruzam, misturam-se, tornando possível perceber não somente suas diferenças, mas, acima de tudo, contextualizá-los em seu universo cultural. Esses múltiplos olhares que se cruzam, quando trabalhados na sala de aula, contribuem para formar um indivíduo mais crítico e capaz de perceber com maior clareza o espaço do outro e seu próprio espaço.

Alguns dos teóricos da arte-educação vêm, já há alguns anos, abrindo caminhos para que as escolas no Brasil tenham uma visão intercultural, entendendo que para isso é preciso desconstruir¹⁹ significados, sentidos e preconceitos para o ensino da arte nessa perspectiva. Segundo Richter (2003, p 51):

O grande desafio da arte, atualmente é o de contribuir para a construção crítica da realidade através da liberdade pessoal. Precisamos de um ensino de arte por meio do qual as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida.

¹⁹ “O termo desconstrução foi introduzido pelo filósofo francês Jacques Derrida, indicando a necessidade de comportamentos críticos nos confrontos das formas totalizantes e absolutilizantes de cada tradição cultural, particularmente daquela do Ocidente. Na desconstrução, entretanto, existe sempre uma disponibilidade para a realização de uma experiência de descentramento, de se sair-fora das próprias certezas” (FLEURI, 2003, p. 53).

Mas, como diminuir esse distanciamento colocado pela autora sem nos determos em duas questões fundamentais para que este processo aconteça, ou seja, a identidade e a diferença? Conceitos demasiadamente complexos, conforme Stuart Hall (2001), que precisam ser apreendidos pela sociedade no todo.

Vivemos tempos de transformações. O século XXI já é visto como o século das grandes catástrofes, de surpreendentes descobertas, das tecnologias avançadas, da fragmentação, da complementaridade, do pluralismo e dos indefensáveis retornos históricos. Essas transformações atingem a todos os sujeitos e, conseqüentemente, nossas identidades, o que, para Hall (2001), significa um tempo de “crise de identidade”.

Já para o crítico Kobena Mercer, “[...] identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (*apud* HALL, 2001, p. 9). O sujeito sofre interferências, exatamente por ser reflexo do mundo em que vive composto de intensas e constantes mudanças. As identidades formam-se e transformam-se nesse contexto, não podendo ser, por isso mesmo, fixas. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, pois como afirma Hall (2001, p. 13),

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Portanto, a arte atual deve ser compreendida dentro de um contexto que abarca várias culturas, a sua e a do outro.

Para que a escola promova uma educação intercultural, com inúmeras identidades, é preciso que comece por repensar a forma de conduzir os conteúdos e, conseqüentemente, a maneira de ensinar, uma vez que as inúmeras diferenças culturais

existentes em uma realidade intercultural são consideradas um “[...] método cuja proposta essencial reside na valorização das diferenças, tendo em vista a sua integração harmônica e equânime” (FLEURI, 2003).

Nesse sentido, entendemos que a formação de professores deve ser, também, intercultural, através da qual o educador promova o cruzamento cultural entre os sujeitos e leve para dentro de sua sala de aula um novo olhar. É o olhar, construído na interculturalidade que amplia nossos referenciais, para novos significados. Observar representações antes não percebidas e o olhar construído, é que nos faz reelaborar os conceitos sobre a realidade em que estamos imersos.

A escola é palco de conhecimento e deve conduzir os sujeitos para uma formação estética capaz de produzir com clareza um diálogo entre os variados códigos existentes nos diversos contextos culturais. A arte traz a história do homem, da pré-história ao homem pós-moderno e vem participando da formação intelectual de cada sujeito envolvido. Mas, para que esse processo aconteça é preciso vir acompanhado de práticas que se inter-relacionem, reorganizando nos envolvidos esse novo olhar, para a arte e para o mundo.

Sabemos que a escola não tem a função apenas de socializar conhecimentos, mas também, principalmente nos dias atuais, de contribuir para a formação de sujeitos críticos, compromissados, criativos e capazes de transformar a realidade em que vivem, além de interpretar o mundo e nele intervir. A arte é tão importante na escola como fora dela, é patrimônio cultural da humanidade e todos têm direito de acesso a esse saber. De acordo com Martins; Piscosque; Guerra (1998, p. 13):

Tratar a arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino de arte, que vem sendo trabalhado há anos por muitos arte-educadores. Ensinar arte significa articular três campos

conceituais: a criação/a produção, a percepção/a análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente.

Percebemos pelo exposto a importância da arte como parte no processo de formação do indivíduo. A escola é parte atuante nesse percurso, pois da mesma maneira que alfabetiza na linguagem oral e escrita, deve preparar-se para a alfabetização nas linguagens da arte. Através das linguagens da arte, compreenderemos o mundo das culturas e o nosso *eu* particular, pois para Martins (1998, p. 14),

[...] mais fronteiras poderão ser ultrapassadas pela compreensão e interpretação das formas sensíveis e subjetivas que compõem a humanidade e sua multiculturalidade, ou seja, o modo de interação entre grupos étnicos e, em sentido amplo, entre culturas.

Assim, entendemos que o fazer e o apreciar a Arte precisam ser contextualizados de maneira responsável pelos professores e pela própria escola, fazendo com que a Arte ocupe seu verdadeiro lugar nos currículos escolares.

4 A UNIARTE COMO UM ESPAÇO INTERCULTURAL

As lições de R.Q.²⁰

*Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
A arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso Transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas deformam.
É preciso desformar o mundo.
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.
Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.
Até já inventei mulher de 7 peitos pra fazer vaginação comigo.*

Manoel de Barros

²⁰ Um tempo antes de conhecer Picasso, eu tinha visto na aldeia boliviana de Chiquitos, perto de Corumbá, uma pintura meio primitiva de Rômulo Quiroga. Era um artista iluminado e um ser obscuro. Ele mesmo inventava as suas tintas. Trazia dos cerrados: seiva de casca de angico (era o vermelho); caldos de lagartas (era o seu verde); polpa de jatobá maduro (era o seu amarelo). Usava poças de piranha derretidas para dar liga aos seus pigmentos. Pintava sobre sacos de aniagem. Mostrou-me um ancião de cara verde que havia pintado. Eu disse: mas verde não é a cor da esperança? Como pode estar em rosto de ancião? A minha cor é psíquica – ele disse. E as formas incorporantes. Lembrei que Picasso, depois de ver as formas bisônticas na África, rompeu com as formas naturais, com os efeitos de luz natural, com os conceitos de espaço e de perspectiva, etc etc. e depois quebrou planos, ao lado de Braque, propôs a simultaneidade das visões, a cor psíquica e as formas incorporantes. Agora penso em Rômulo Quiroga. Ele foi apenas e só uma paz na terra. Mas eu vi latejar rudemente nos seus traços milagres de Klee. Salvo não seja. (nota do autor).

A UNIARTE é realizada pelo Curso de Artes Visuais da UNIGRAN há vinte e dois anos e já atendeu a um público de aproximadamente setenta mil pessoas ao longo de sua história. Desse modo, vem garantindo a consistência e a regularidade do exercício e do debate sobre a arte e a cultura em Mato Grosso do Sul, fomentando as produções artístico-culturais, aprimorando o conhecimento e promovendo o crescimento intelectual de gerações.

Podemos confirmar tais afirmações pelo depoimento²¹ de três professores da Rede Municipal e Estadual de Ensino²², que têm participado do evento.

Professor 1²³: “Tenho participado de, pelo menos, as últimas quatro edições e sem dúvidas posso falar que a UNIARTE tem despertado em mim, e acredito que em muitos outros visitantes a vontade de conhecer melhor e saber mais sobre a arte e de nossos artistas sul-mato-grossenses”.

Professor 2: “Além da visita ser importante para o aluno é ainda mais para o professor, porque tem a oportunidade de estar em contato com grandes nomes da arte educação nacional, possibilitando a participação nas mais atualizadas discussões”.

Professor 3: “Não perco nenhuma semana da UNIARTE, ela já faz parte de meu calendário, é neste evento aqui em Dourados que tenho a oportunidade de me atualizar, pois sou de Caarapó”.

Consciente de que as manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos de todos os tempos e lugares, a UNIARTE propõe, a cada edição, temas que levem a reflexões sobre as várias possibilidades de abordagens em arte.

²¹ Depoimentos transcritos de forma literal. Preservou-se as falas dos entrevistados em todas as suas particularidades.

²² Com relação às escolas, várias professoras foram entrevistadas aleatoriamente, razão pela qual essas diversas escolas não foram, aqui, identificadas.

²³ Com a finalidade de preservar a identidade dos professores e alunos entrevistados, utilizaremos seqüência numérica como, por exemplo: Professor 1, Professor 2, etc.; Aluno 1, Aluno 2, etc.

Nas primeiras edições do projeto UNIARTE, não se estabelecia temática, sendo possível a discussão de variados temas. Com o decorrer dos anos, a coordenação do evento sentiu necessidade de tematizar as edições, tanto para a orientação dos trabalhos dos alunos quanto para a organização de palestras, mesas-redondas e debates.

Em 2005, foi o primeiro ano a ter um tema: “XXI UNIARTE - Multiculturalidade Interculturalidade e Arte Contemporânea em Mato Grosso do Sul” (v. fig. 1, 2, 3 ,4, 5 e 6). Nesse ano, tivemos como convidados especiais para participar do evento as professoras Prof^a. Dr^a Ana Mae Barbosa (v. fig. 7 e 8), que falou sobre: “O contexto da Interculturalidade”; Prof^a. Dr^a Miriam Celeste Martins, que abordou o tema “A experiência da diferença: as provocações da arte e o inventar-se educador” e Prof^a. Dr^a Ivone Mendes Richter que discorreu sobre “Interculturalidade e a arte contemporânea”.



Figuras 1 e 2 – Diversidade dos alunos que visitaram a XXI UNIARTE. Fotos: Marcelo Lima do Nascimento²⁴.

²⁴ Como todas as imagens são do mesmo autor, nas figuras seguintes passaremos a denominar Marcelo Lima do Nascimento pela abreviatura MLN.



Figuras 3, 4, 5 e 6 – Diversidade dos alunos que visitaram a XXI UNIARTE. Fotos: MLN.



Figuras 7 e 8 – Palestra: “O contexto da Interculturalidade” proferida pela Prof.ª. Dr.ª. Ana Mae Barbosa, na XXI UNIARTE. Fotos: MLN.

O seletivo grupo de professoras que participou da edição da XXI UNIARTE trouxe, sem dúvida, uma imensa contribuição para o evento. As reflexões trazidas pelas palestrantes solicitavam dos alunos e professores novas articulações e a busca de saberes frente à complexidade da arte contemporânea e seu ensino. Contamos, ainda, com nomes relevantes do cenário estadual da arte, educação, e crítica da arte.

Na primeira mesa, cujo tema foi “Leitura e crítica da arte em Mato Grosso do Sul”, contamos com os professores: Dr.ª Rita de Cássia A. Pacheco Limbert; Dr. Richard Perassi Luiz de Souza e o Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (v. fig. 9). Na segunda, a

partir do tema “Arte Contemporânea em Mato Grosso do Sul”, participaram os seguintes professores: Prof^ª. Maria da Glória Sá Rosa; Prof^ª. Idara Duncan; Dr. Jerri Roberto Marin e o Prof. M.Sc. Paulo Roberto Rigotti. E, na terceira, discutiu-se “Arte e Cultura Indígena em Mato Grosso do Sul”, com a participação dos professores: Prof. M.Sc. Ricardo Leite; Prof. Esp. Scheilla Guimarães; Prof^ª. Dr^ª Adir Casaro Nascimento e a professora indígena Zélia Regina Benitez, da Escola Municipal Indígena Ara Porã.



Figura 9 – Mesa-redonda “Leitura e crítica da arte em Mato Grosso do Sul”: Dr^ª Rita de Cássia A. Pacheco Limbert; Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos e o Dr. Richard Perassi Luiz de Souza. Foto: MLN.

Em 2006, o tema proposto foi “XXII UNIARTE - Abordagens contemporâneas em arte: produção, ensino e crítica”. A coordenação do evento, após várias reuniões para estabelecer o tema, priorizou a reflexão e discussão sobre o ensino, a produção e a crítica da arte contemporânea, por perceber, por parte de professores e alunos do curso de artes visuais e de professores participantes e visitantes do evento anterior, um grande interesse por temas ligados à arte contemporânea. Por ser um tema bastante atual e

passível de muitas discussões, foi possível, nessa edição, observar, nas obras expostas, uma grande variedade de materiais usados, e um número expressivo de trabalhos tematizados, de acordo com as tendências do momento vivido (v. Fig. 10, 11, 12 e 13).

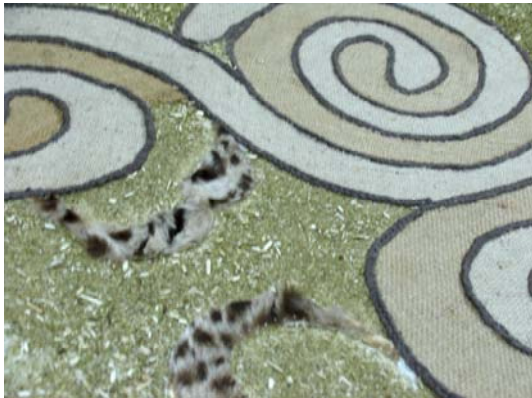


Figura 10 e 11 – Diversos materiais utilizados pelos alunos do Curso de Artes Visuais da UNIGRAN (XXII UNIARTE). Foto: MLN



Figura 12 e 13 – Alunos do Curso de Artes Visuais da UNIGRAN produzindo trabalhos (XXII UNIARTE). Foto MLN.

Tivemos como palestrantes e ministrantes de *workshops* e minicursos: Prof^ª. Dr^ª. Marly Ribeiro Meira, com os temas “Experiência poética, afetos e mutações” (palestra) e “A pintura como criação coletiva” (*workshop*) (v. fig. 14); Prof^ª. Dr^ª. Rejane

Galvão Coutinho, que abordou os temas “Artes Visuais: da exposição a sala de aula” (palestra) e “Arte/educação como mediação cultural” (*workshop*) (v. fig.15); Prof^ª. e artista plástica Lia Chaia, que discorreu sobre os temas “Um percurso e suas particularidades” (palestra) (v. fig. 16 e 17) e “Oficina de instalação” (minicurso); o Prof. M.Sc. e crítico de arte, Cauê Alves, com os temas “Urbe: sobre a relação entre arte e cidade” (palestra) e “História, curadoria e outras alternativas (*workshop*).



Figura 14 e 15 – *Workshops*: e “A pintura como criação coletiva”, ministrado pela Prof^ª. Dr^ª. Marly Ribeiro Meira e “Arte/educação como mediação cultural”, ministrado pela Prof^ª. Dr^ª. Rejane Galvão Coutinho. Foto: MLN.



Figura 16 e 17 – Palestra “Um percurso e suas particularidades”, proferida pela Prof^ª. e artista plástica Lia Chaia. Foto: MLN.

As mesas-redondas que aconteceram na XXII UNIARTE também foram direcionadas ao tema do evento. A primeira mesa teve como tema “Teoria e Crítica da arte contemporânea” e contou com a participação dos seguintes professores: Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos; Dr^a. Marly Ribeiro Maira e Prof^a Maria da Glória Sá Rosa. A segunda abordou o tema “Ensino da arte contemporânea”. Participaram: M.Sc. Rute de Souza Josgrilberg; Dr^a. Terezinha Bazé de Lima e Dr^a. Rita de Cássia A. Pacheco Limberti. A última, discutiu, sob a ótica dos artistas plásticos, a “Produção Contemporânea” e dela participaram os artistas sul-mato-grossenses Carlos Nunes (v. fig. 19), Evandro Prado (v. fig. 20), Marcelo Lima, Paulo Rigotti, contando, ainda, com a participação da *Webdesigner* Renata Barbieri (v. fig. 18).



Figura 18, 19 e 20 – Artistas sul-mato-grossenses: Renata Barbieri (webdesigner), Carlos Nunes, Paulo Rigotti e Evandro Prado (artistas plásticos). Foto: MLN.

Neste breve relato sobre os temas das duas últimas edições da UNIARTE podemos observar a preocupação do evento em contribuir para o desenvolvimento intelectual dos sujeitos, como afirma o Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, na abertura do programa da XVIII UNIARTE:

Poucos são os projetos que, à maneira da UNIARTE, promovido anualmente pela UNIGRAN, garantem consistência e regularidade ao exercício e debate sobre a arte e a cultura no estado de Mato Grosso do Sul. Na qualidade de

participante das atividades e debates nesta área, quero aplaudir a XVIII Edição da UNIARTE e parabenizar os coordenadores do projeto, o Curso de Educação Artística, pela excelente programação do evento e por manterem acesa a chama das produções artístico-culturais em nosso estado, aprimorando o conhecimento e promovendo o crescimento intelectual de uma geração que não passará em vão.

A UNIARTE, ao longo dos anos, recebeu manifestações sobre o evento por meio de depoimentos de diferentes profissionais, publicados no caderno de Programas e Resumos da XXII UNIARTE.

A professora Mirela Meira²⁵ assim se manifestou:

A UNIARTE tem desenvolvido um aspecto extremamente relevante na contemporaneidade, o ético-estético, qual seja, de aproximar pessoas em uma rede flexível de humanização crescente para, juntas, criar. Dessa forma, concretiza um dos temas mais importantes da atualidade: melhorar a qualidade de vida, a criação de sentidos e, principalmente, da vida sensível na face do planeta.

Na UNIARTE transitam culturas em que as identidades se misturam, formando uma teia híbrida. Numa perspectiva intercultural de educação podemos considerar o espaço da UNIARTE como de construção de identidades e de novas relações sociais, na medida em que desenvolve estratégias educativas para o enfrentamento dos conflitos gerados por sujeitos diferentes, do ponto de vista sócio-cultural.

A Professora 4, de uma escola estadual de Dourados, afirma:

Esta diversidade que existe aqui no espaço da UNIARTE, tanto de negros, índios, japoneses e tantos outros grupos sociais que temos a oportunidade de ver presente aqui, também encontramos em nossa sala de aula. Para o aluno é muito importante estar vendo tudo isto em outro lugar que não seja a sua própria sala de aula. É, também, importante para o aluno perceber que estamos sempre em contato com um outro e que devemos aprender a conviver com ele.

²⁵ A professora Mirela Meira enviou esta mensagem por meio de correio eletrônico para a coordenação da UNIARTE em setembro de 2006.

Esse movimento de constante busca pelo equilíbrio entre os sujeitos, é o jogo da vida,

[...] a teia em que o ser humano se inclui a dramática interatividade entre espaços e tempos da estética do cotidiano. A percepção mítica é essencialmente plástica, porque ela expressa uma ação, um fazer, aliado a qualidades emocionais e a um pensamento simbólico (MEIRA, 2006, p.125).

O fazer da arte, e mais especificamente na UNIARTE, remete-nos a uma infinidade de materiais que são utilizados a partir da sensibilidade de cada indivíduo, de acordo com seu imaginário e com suas vivências. Ainda segundo Meira (2006, p.125), “[...] a plasticidade, nas artes, também está vinculada a questões de significação ligadas ao homem e suas interações com o mundo”. Temos, assim, uma infinidade de olhares imersos nesse evento que, aos poucos, tecem novas significações e constroem outros sentidos para as suas ações práticas (v. fig. 21).



Figura 21 – Alunos que visitaram a XXI UNIARTE. Fotos: MLN²⁶.

²⁶ Alunos da Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso: Felipe de Alcântara Brasil e Leonardo Bertola de Mattos. Foto MLN. Esses alunos ilustraram o “Programa da XXII UNIARTE”.

Vivemos lado a lado com o outro, estamos visivelmente próximos e nos diferenciamos culturalmente. Nos espaços do cotidiano no qual circulamos – na escola, na UNIARTE ou até mesmo em atividades sociais de caráter festivo ou doutrinário –, os grupos religiosos ou políticos vivem uma relação de poder e de dominação que traz os conflitos à superfície, formando zonas de estranhamento em função das diferenças culturais, mas que proporcionam, também, uma nova forma de relação social.

De acordo com Fleuri (2003, p.63),

[...] as relações interculturais, em certa medida, perturbam a visão hierarquizada e purificada das culturas, do poder e do conhecimento. Possibilitam o questionamento da ordem institucional educacional estabelecida sob a óptica do poder hegemônico de educadores e educadoras sobre os (as) alunos(as). Enseja a possibilidade de problematizar a pretensa procedência universalizante e homogeneizante do conhecimento.

A UNIARTE vive a experiência de relações interculturais estabelecidas pela própria maneira como se apresenta, ou seja, aberta aos desafios de uma sociedade globalizada, a qual nos leva a investigar as possíveis zonas de desequilíbrio que se estabelecem a partir do contato com o outro. Nesse sentido, afirma o Professor 5:

Eu tenho em minha sala de aula o negro e o índio e muitas vezes percebo por parte dos colegas um certo preconceito em relação a estes alunos. Achei importante chegar aqui e encontrar estas etnias representadas através de suas arte. Para nossos alunos é, com certeza, mais uma maneira de ensiná-los a respeitar estas culturas.

A relação entre educação e cultura que se apresenta na UNIARTE perpassa a própria visão do currículo escolar, ampliando as possibilidades de interação entre os sujeitos e o próprio processo educacional, como indica a fala do Professor 6:

É a terceira vez que venho à UNIARTE e pude perceber da primeira pra segunda participação no evento que meus alunos, em grande maioria, tiveram uma mudança em relação ao respeito pelo trabalho de seu colega, o que antes não

acontecia. Acredito que isto aconteça pela própria maneira de como eles são conduzidos por parte dos monitores pra apreciar as exposições.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam para se trabalhar com a “pluralidade cultural”, tema bastante complexo, que deve ser estudado e aprofundado, a fim de não conduzir os agentes educacionais a se expressarem a partir de modelos estereotipados e/ou a trabalharem com práticas disciplinares que não promovam a inter-relação entre os sujeitos. Sobre esse assunto, o Professor 7 se pronuncia:

A questão da diversidade está muito nítida e presente em minha sala de aula e eu procuro trabalhar estas culturas através de sua arte. Quando meus alunos visitaram o espaço UNIARTE de exposição e as feiras étnicas ficaram encantados com os trabalhos, pois os grafismos ali apresentados nos objetos de artesanato eles já haviam estudado e puderam ver os mesmos feitos pelos próprios criadores, o negro e o índio. Acredito que esta oportunidade de ver estes trabalhos dê a eles um outro olhar.

4.1 A UNIARTE e a cultura midiática

A UNIARTE, ao trabalhar com a educação e a cultura, desenvolve um olhar atento à maneira como as mídias mobilizam as audiências. Ao tratarmos diretamente com a educação escolar, estamos envolvidos com diferentes identidades sociais, não podendo deixar de perceber a presença dos meios de comunicação social no cotidiano dos sujeitos participantes desse processo de construção. Sabemos que a presença dos meios de comunicação é constante nos lares da maioria das famílias brasileiras.

Crianças e adolescentes são envolvidos com alguns dos diferentes meios de comunicação, seja ele a televisão, o rádio, as revistas, os gibis, os jornais, os CDs, a internet, entre outros. A verdade é que, cada vez mais, as mídias invadem o cotidiano e este fenômeno é, no mínimo, inquietante aos olhos de educadores preocupados com a formação crítica, estética e política dos sujeitos. Através dos meios de comunicação é que se tem

acesso a uma infinidade de conceitos por vezes equivocados, pois as mídias constroem diferentes imagens da realidade social, interferindo, muitas vezes, em questões ideológicas e construindo, dessa forma, novos referenciais.

É possível perceber que a cultura midiática, cujo caráter reativo, segundo Marly Meira (2002, n.p.), “[...] era também aberto a interações através do computador”. Como consequência, desenvolveu-se, então, uma indústria cultural, que tem por base os meios de comunicação de massa, e que passou a promover estratégias de modelização do comportamento, visando a incentivar o consumismo, agregando à essa ação valor econômico e simbólico e valendo-se da mitologia do espetáculo para impor ideologias na forma de sedutora e persuasiva pedagogia visual.

A UNIARTE, preocupada com possíveis distorções conceituais exploradas pelos meios de comunicação, demonstra a intenção de desempenhar um papel de formação visual, como espaço de crítica à presença das mídias, por trabalhar com a educação do olhar, em relação à arte e ao mundo em que se vive. A importância de o sujeito saber ler um texto visual para poder decodificá-lo é uma das preocupações da arte-educação.

Vivemos um mundo extremamente visual, em que as informações são rápidas, podendo-se estar, ao mesmo tempo, em vários lugares e dialogando com diferentes culturas. Devemos entender a maneira como se processa a produção de significados a partir do consumo, entendidos, também, como processos que levam o sujeito ao encontro de algumas demandas culturais de suas memórias e de seu imaginário. É nesse sentido que Maria Isabel Orofino, em artigo sobre mídia e educação, nos revela que “o que é importante para nós, educadores, é compreender como essas novas formas culturais sustentam velhos conteúdos que reproduzem as ideologias de dominação e os preconceitos de classe, gênero, orientação sexual, étnicos, geracionais, entre outros” (2003, p.118).

De acordo com o depoimento do Professor 8, transcrito abaixo, depreende-se que a UNIARTE procura estar sempre atenta aos possíveis conflitos gerados pelos meios de comunicação. Essa afirmação é corroborada pelo depoimento que segue:

Percebo o cuidado da organização da UNIARTE em relação à construção de novos olhares para a arte. Nossos alunos estão constantemente em contato com novas informações. Hoje os meios de comunicação invadem as nossas casas trazendo a cada momento uma nova visão, informação, e elas chegam sem pedir licença. Muitas vezes, não tendo nem o cuidado de filtrar se determinado assunto pode ou não ser apresentado naquele horário. Saber ver é o que me parece propor a UNIARTE quando temos a oportunidade de visitar a exposição e conversarmos com os professores e monitores do evento.

Uma cultura que é dinâmica e que está em constante movimento pode ser profundamente marcada por ideologias engessadas, postas pelo poder dominante e vistas apenas pelos olhos de quem as quer reproduzir. Tais conflitos existem e se fazem presentes na vida cotidiana de professores, aumentando suas angústias e incertezas, como se pode perceber pelos depoimentos aqui transcritos.

O depoimento do Professor 9, por exemplo, nos dá indicativos de que a UNIARTE busca orientar a formação e a educação do olhar de professores participantes do evento, por intermédio de oficinas, palestras e mesas-redondas. A esse respeito, o Professor declara: “Tenho participado das oficinas oferecidas pela UNIARTE e percebi por parte dos organizadores e também dos ministrantes destas oficinas, a importância de saber ver para se poder classificar e conduzir nossas ações em relação a tantas informações do nosso dia-a-dia”.

Demonstra, pois, que o projeto UNIARTE preocupa-se com a construção de uma sociedade mais solidária, justa e humana, capaz de conviver com o outro e de construir novos referenciais a partir das leituras e das relações sociais, propiciando aos sujeitos uma nova maneira de se posicionar em relação ao mundo em que se vive. Sabe-se,

porém, que mudanças não são imediatas, entretanto, percebe-se pelos depoimentos registrados, mudanças “em processo”.

4.2 A UNIARTE e a arte-educação contemporânea

A UNIARTE vem, há alguns anos, se preocupando em fazer a mediação entre arte, educação, ensino e público. Não podemos pensar a UNIARTE sem a presença do público visitante (v. fi.g 22 e 23), o qual é composto por estudantes e professores do ensino fundamental e médio.



Figura 22 e23 – Público visitando a XXI UNIARTE. Fotos: MLN.

Meira (2002, n.p.) salienta que um dos critérios para a compreensão da arte é a invenção e a descoberta dos meios de produção-criação, de acordo com o que se quer realizar. Atualmente, é intenção do arte-educador penetrar no desenvolvimento artístico-cultural dos sujeitos por meio de conhecimentos que incluem a arte como produção, como recepção e como crítica. Falar de arte-educação contemporânea é pautar-se na ordem das discussões sobre a questão da sensibilidade, entendida como desenvolvimento dos sentidos. Barbosa (2005) refere-se à sensibilidade como o conjunto de funções orgânicas

que buscam a inteligibilidade, o prazer, e a sensualidade, que respondem às condições da contemporaneidade.



Figura 24 e 25 – Professores do Curso de Artes Visuais da UNIGRAN orientando a produção de trabalhos artísticos: Professor Paulo Rigotti orientando trabalhos para a XXI UNIARTE (esquerda) e Professor Marcelo Lima do Nascimento orientando montagem de instalação na XXII UNIARTE (direita). Fotos: MLN.

Na arte-educação, a arte é vista como linguagem e como necessidade de comunicação da experiência vivida, dos sentimentos, pensamentos e emoções e não pode ser transmitida por nenhum outro tipo de linguagem como a científica ou a discursiva. As artes visuais têm na imagem o seu foco, pois é na visualização que temos o reflexo de nós mesmos e de quem somos. Sobre esse aspecto temos o depoimento de um aluno de uma escola estadual da periferia de Dourados:

Cada trabalho que eu vi tinha um significado especial. Aquele trabalho de uma mulher feita de osso era como se fosse uma caveira, era um esqueleto, representava eu acho a mulher que hoje só quer estar magra para poder ser manequim. Também pode ser para mostrar essa doença que sai toda hora na televisão de meninas que morrem por não comer.

De acordo com Marly Meira (2002, n.p.), as artes visuais estão permeadas por linguagens simbólicas que rompem, extrapolam as fronteiras morais e intelectuais; há um

comprometimento pessoal com o trabalho nela investido, um apelo à forma e à estruturação, à vontade construtiva. Em suma, a arte é um importante meio de identificação cultural e é através da expressão pessoal que desenvolve o “eu individual”.

Assim, atenta a essas questões, a UNIARTE, por meio de visitas monitoradas pelos alunos do Curso de Artes Visuais (v. fig. 26, 27, 28 e 29), procura despertar nos visitantes o verdadeiro valor e sentido da arte. A preparação dos alunos monitores é feita pelo professor Paulo Rigotti, encarregado de orientar os alunos para tal mediação. Os trabalhos dos alunos a serem apresentados são elaborados e planejados durante o ano letivo em suas respectivas disciplinas (v. fig 24 e 25). Cada professor propõe à turma um determinado trabalho e, individualmente ou coletivamente apresentam ao professor o projeto que desejam desenvolver. A partir desse momento, inicia-se o desenvolvimento das tarefas, fase em que os alunos partem para um trabalho de pesquisa conceitual e também de materiais. Depois de discutido e aprovado pelo professor, começam a produção. Todo esse percurso até chegar à obra pronta é acompanhado pelos professores e pela turma, para que todos possam, no final, entender o conceito da obra. É importante salientar que todo o corpo docente tem conhecimento dos trabalhos que estão sendo realizados pelos outros professores do curso. Dessa maneira, ao término de todas as obras, o professor responsável pela orientação das monitorias reúne-se com os alunos monitores para falar do sistema de produção e o próprio conceito de cada um dos trabalhos.



Figura 26 e 27 – Alunos-monitores do Curso de Artes Visuais da UNIGRAN (esquerda) e visita monitorada na UNIARTE (direita). Fotos: MLN.



Figura 28 e 29 – Monitor acompanhando alunos especiais (esquerda) e monitor fazendo leitura das obras (direita). Fotos: MLN.

Ao término da montagem da UNIARTE, os alunos monitores reúnem-se novamente com o professor responsável pela monitoria e percorrem todo o espaço para roteirizar as visitas. A esse respeito, declaram os alunos visitantes:

Aluno 1

Na minha opinião a exposição de arte foi muito bem elaborada. Claro que eu não entendi algumas coisas, mas tinha algumas meninas nos acompanhando, que explicavam o porquê daqueles trabalhos.

Aluno 2

Muita coisa aprendi com as moças que levavam a gente na exposição, até mesmo saber que a arte está presente no nosso dia-dia. Também aprendi que muitos objetos que para nós já seria lixo pode ser feito uma obra de arte.

No ensino tradicional, a arte é vista e identificada como mera reprodutora de trabalhos manuais ou práticas educativas, e não como um saber. Esse conceito de arte, geralmente, vem sendo repassado há décadas, carregado de preconceitos em relação à própria arte, usando estereótipos de imagens e receitas pedagógicas prontas, cristalizadas. A arte é utilizada, também, para manter disciplina e fazer recreação, além de trabalhar técnicas reprodutoras de memorização sobre valores e procedimentos.

Desconstruir essa visão empobrecida da arte é um dos objetivos da UNIARTE, que trilha, há alguns anos, o caminho da reconstrução do pensar e do olhar a arte, a fim de tê-la livre de preconceitos. Barbosa (2005, p.100) enfoca que o “preconceito começa nas próprias instituições artísticas, que deveriam ter a consciência de que a educação é o instrumento mais eficaz para formação de público”. Nesse sentido, escreve a Professora 10:

Desde 2002 venho trazendo os meus alunos para a UNIARTE, evento que faz parte do meu planejamento, que serve como um apoio pedagógico. Acho a

participação neste evento, acho muito importante para o conhecimento de arte para os meus alunos. Após algumas visitas realizadas aqui na UNIARTE, desenvolvi um projeto que se chamava “a natureza pede socorro”, nome que se designava a uma instalação criada na UNIARTE pelos acadêmicos. Os meus alunos ao ver tal instalação tiveram a idéia de fazer algo parecido, tão mais importante foram as idéias que tiveram por influências deste trabalho, apropriando-se da idéia, mas trazendo para o seu contexto. Os alunos usaram tijolos simbolizando o progresso e dentro dos tijolos colocaram um globo simbolizando o mundo. Por meio desse trabalho os alunos puderam entender o que é uma instalação e a importância do tema para a natureza. Este evento possibilita aos alunos novos caminhos e novos olhares para a arte, tornando-se mais críticos e valorizando a arte.

Na verdade, acreditamos que, em relação à arte, o *slogan* deveria ser “educar para re-significar”, dar à arte o seu espaço e lugar na escola e na sociedade.

4.3 A UNIARTE e suas inter-relações com o conteúdo e o currículo escolar

Pensar em conteúdo escolar requer que nos conscientizemos de dois aspectos: de que a interdisciplinaridade é condição epistemológica da contemporaneidade, por trabalhar no coletivo e fazer a inter-relação entre as disciplinas, permitindo dessa maneira o contato entre elas e os conteúdos diferentes; por sua vez, interculturalidade, segundo Barbosa (2005, p.111), é

[...] condição política da democracia. [...] a aliança entre essas duas condições basilares da vida, contemporânea às tecnologias flexíveis e multiplicadoras, garantirá um humanismo em constante reconstrução para responder às imponderáveis e permanentes mudanças sociais.

As novas tecnologias são, atualmente, realidade na vida dos indivíduos e, de certa forma, transformam o cotidiano, proporcionando novas práticas de produção intelectual, abolindo limites geográficos entre os saberes, como pode ser observado na figura 30, que mostra a utilização dessas tecnologias para a arte-educação.



Figura 30: Alunos do Ensino Fundamental assistindo a uma sessão de vídeo-animação produzido pelos alunos do Curso de Artes Visuais da UNIGRAN, durante a XXII UNIARTE. Fotos: MLN.

A tecnologia tornou-se um estudo de vulto neste novo milênio, revelando a arte como imersa neste contexto. Devemos pensar a arte também como processo de conhecimento tecnológico e criador, passando a ser vista pelo indivíduo como necessária para o entendimento e a construção dos saberes e das permanentes transformações sociais, tão pertinentes ao mundo globalizado. Acredita Barbosa (2005) que, para compreender e fruir arte produzida pelos meios eletrônicos, o público necessita de uma nova escuta e de um novo olhar.

A UNIARTE, preocupada com a formação de sujeitos críticos em relação à arte, traz à reflexão temas polêmicos sobre a própria concepção de arte, pois um dos objetivos do evento é proporcionar aos indivíduos o despertar dessa consciência crítica para a orientação de uma nova práxis. Assim, o Professor 11 declara:

Eu tenho vindo à UNIARTE com meus alunos e isto com certeza muda a nossa prática em sala de aula. Eles cobram o que viram aqui e querem que seja trabalhado. Todo o tema proposto na UNIARTE é depois trabalhado em sala de aula, ela serve, ao meu ver, como uma orientação pedagógica.

Pensar as novas tecnologias leva-nos a discussões sobre os conteúdos escolares a serem ministrados em arte. Por muitos e muitos anos, tratou-se no Brasil - e ainda se trata o currículo como artefato, algo construído socialmente, com interesses específicos e particulares. Conforme Santomé, “não podemos esquecer que qualquer sistema de indicadores é fruto de uma determinada ideologia” (1998, p.22). O currículo escolar e a escolha dos conteúdos a serem ministrados devem pautar-se em discussões e reflexões coletivas, proporcionadas pela própria escola, ou seja, o currículo deve ser estudado a partir de conceitos que orientem o pensamento educacional e as ações da escola em relação a seu meio cultural.

O currículo deve abordar, em seu conteúdo, as diversidades e as diferenças, perpassando o senso comum, isto é, fazer arte não pode ser confundido com *hobby*, lazer ou decoração, como pode observar no depoimento da Professora 12:

Sou ex-aluna do Curso de Artes Visuais da UNIGRAN. Participei em pelo menos três anos de todo o trabalho de montagem deste evento. Sou também professora da rede estadual de ensino, já dava aulas de arte na escola mesmo antes de estar formada. Posso dizer que tenho alguma prática em relação à escola. Durante as visitas que faço aqui na UNIARTE com meus alunos percebo neles, a cada ano, que passa um maior interesse pelos conteúdos de arte ministrado durante as minhas aulas. Mas o que realmente quero te falar é que nestes dois últimos anos em que fiz esta visita veio comigo outros professores da escola de outras disciplinas e também o coordenador da escola, nenhum deles da nossa área. Percebi como eles se interessaram por tudo o que estavam vendo aqui na exposição, me perguntavam coisas, indagavam sobre determinados trabalhos, enfim, pediam explicações. Mas sabe o que mais me deixou feliz? É que percebi neles um outro olhar para a minha disciplina. Parece que caiu a ficha, a arte passou a ser vista por eles como uma matéria com conteúdos a serem estudados. Parece que deixou de ser apenas para decoração de festinhas escolares.

Até meados do século XX, como já dissemos em capítulo anterior, o conteúdo de arte no Brasil focava-se na geometria ou na produção de artesanato, ou melhor, era essencialmente voltado às habilidades manuais e domésticas. A cópia/desenho, também merecia atenção, pois se buscava a representação mimética da natureza das coisas. Com o crescimento da industrialização no Brasil, o desenho passa a ser um conteúdo voltado para a geometria, sendo a sua principal aplicação no desenvolvimento tecnológico e não mais com finalidades artísticas.

O Movimento Modernista de 1922 muda o conceito da arte e introduz, na escola, conteúdos relacionados à emoção, amparados por teorias da psicologia. As artes são, agora, instrumentos de liberação de emoções e sentimentos, até então reprimidos e contidos no fazer artístico do sujeito. Nessa fase, a livre expressão é incentivada e são valorizados mais o processo e as habilidades cognitivas do que o próprio produto.

Com a introdução de novos materiais nas salas de aula de arte, uma perspectiva se abre em forma de conteúdo a ser explorado. Era a chamada experimentação, ou seja, a partir dos materiais expostos, propunha-se aos alunos que explorassem as diversas possibilidades de utilizá-los. Essa pesquisa de materiais em sala de aula constituía-se em conteúdo, sofrendo contradições centradas numa maior ênfase à técnica, em detrimento da escolha dos temas a serem trabalhados e das vivências dos sujeitos.

A partir da década de 1980, foi criada e difundida no Brasil uma nova abordagem²⁷ para o ensino da arte, conhecida como Metodologia Triangular, hoje chamada

²⁷ Conforme Meira (2002, n.p.), a abordagem triangular deriva de uma dupla triangulação: de natureza epistemológica (criação, leitura e contextualização), por um lado. Por outro, da sistematização como efeito da assimilação do modelo das Escuelas al Aire Libre mexicanas, do Critical Studies (inglês) e do programa de apreciação estética do DBAE, americano. Mostra-se favorável à cópia, desde que implique reconstrução, dizendo que seu modelo difere do DBAE ao propor o termo contextualização, que pode ser histórica, social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, biológica, associando o pensamento a elementos disciplinares ou não. No livro Tópicos Utópicos (1998:41), ela admite a relação entre educação artística e educação estética, mas não se tratando do ensino da estética tradicional. “[...] O que chamamos educação estética de crianças, adolescentes e adultos é principalmente a formação do apreciador de arte usando a

de Proposta Triangular. De acordo com Ana Amália Barbosa (2005, p.143), essa abordagem contrapunha-se ao sistema de ensino de arte – “especialmente visual, no qual o aluno era levado apenas a se expressar – e propunha que se trabalhasse com três ações mental e sensorialmente básicas quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização”.

Essa proposta para o ensino de arte se traduz da seguinte maneira: a leitura da obra de arte, chamada também de apreciação, propõe uma leitura de nós mesmos, leitura de mundo, e, de acordo com a autora, na verdade, uma interpretação cultural. Já a contextualização propõe que se estude a obra de arte não apenas pela história, mas em parceria com outros saberes, o biológico, o social, o psicológico, o antropológico e outros. Em outras palavras, a contextualização estabelece relações da obra com o mundo que gira ao seu redor. Cabe salientar que existem equívocos em relação à chamada releitura, visto que muitos educadores a entendem como sinônimo de cópia. Na verdade, depois de buscas para entender melhor o que seria, realmente, este fazer artístico encontramos nas palavras de Ana Amália Barbosa (2005, p. 145),

[...] uma das coisas mais importantes que aprendi com meu trabalho é que nunca penso em uma obra só, um artista só. Faço relações o tempo todo, inclusive do que vejo na realidade com o que vejo no mundo da arte. Isso tudo é releitura. É olhar o mundo a nosso redor e criar a partir de tantas coisas que vemos no mundo, na arte, na TV... enfim tudo aquilo que nossa retina registra pode ser usado.

Meira (2002, n.p.) parte da idéia de que o fazer arte é revisto na originação interativa entre sujeito, obra de arte e sociedade, pluralizando a construção de um

terminologia e o sentido consumatório que Dewey dava à experiência apreciativa.” A referência à estética visa uma integração à leitura da obra ou do campo de sentido da arte, no sentido de trazer discernimento, distinguir opções, formular juízos de valor.

pensamento em arte e sobre arte, vinculando o seu “fazer” aos processos de contato, diálogo e interpretação.

Nessa medida, podemos observar a prática da releitura em alguns trabalhos realizados pelos alunos do Curso de Artes Visuais para a disciplina “Folclore e Cultura Brasileira” – com a colaboração da disciplina de “História da Arte” –, cuja proposta foi desenvolvida a partir de uma pesquisa com a cultura popular brasileira, mostrando suas diversidades.

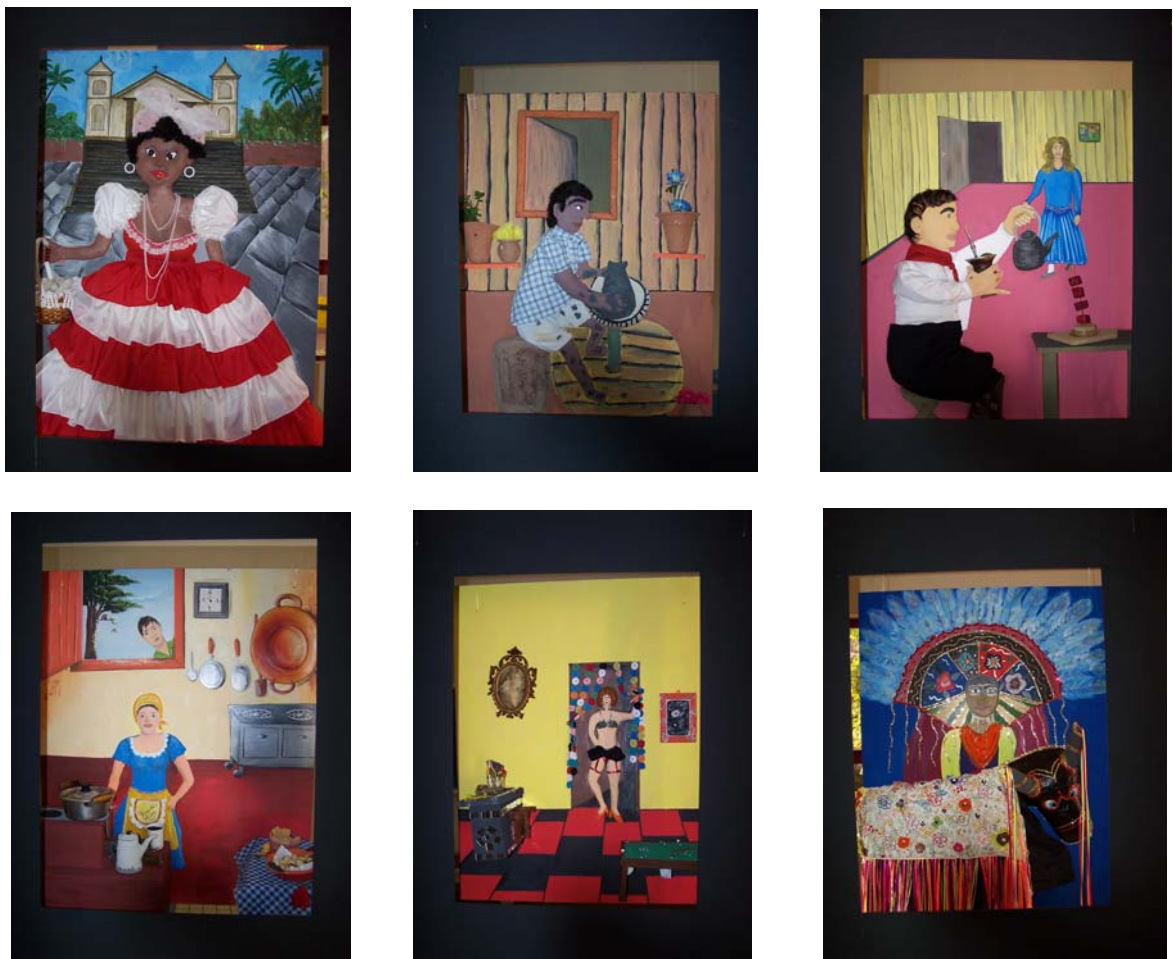


Figura 31: Trabalho realizado para a XXI UNIARTE. Fotos: MLN.

Observando-se o modo pelo qual se propõem as práticas, toda a teoria é, igualmente, uma invenção e somente quando aplicada a uma prática é que se diferencia em

relação às práticas anteriores. O conhecimento sobre arte e a capacidade de integrar este conhecimento a uma proposta curricular e ao seu conteúdo didático são processos construídos de maneira relacional entre expressão e comunicação.

Não podemos pensar em construir novos olhares em relação à arte se não formos capazes de manter a comunicação com o outro e com as diversidades que temos à nossa volta.

De acordo com Meira (2003, p. 37):

O artista tem um papel pedagógico, e este é expresso na sua obra. O professor de arte, como profissional e agente cultural, é um mediador que maneja o verbal e o não-verbal como recurso didático. O sentido da arte reside na compreensão da espiritualidade humana convertida em formas, presente no conteúdo expressivo articulado pelo fruidor ou pelo produtor.

O professor, como mediador do conhecimento, deve fomentar com seus pares a construção coletiva de seus conteúdos didáticos e do próprio currículo escolar, a partir da realidade sócio-cultural onde está inserida a escola.

4.4 UNIARTE *versus* UNIARTE *versus* espaço cultural

Como já citamos anteriormente, a UNIARTE acontece há vinte e dois anos, consecutivamente. A idéia de realizar uma exposição de arte que apresentasse os trabalhos dos alunos do curso, chamado à época Educação Artística, foi da então coordenadora, Suzana Maria Cursino Pedroso Schierholt. A sua primeira intenção era promover e apresentar para a comunidade acadêmica a arte produzida pelos alunos desse curso. No decorrer dos anos, a UNIARTE cresceu e se adaptou às novas necessidades da comunidade

local e acadêmica, oferecendo atividades como: exposições de alunos e de artistas convidados; feiras de arte mix e étnica; shows musicais, teatro e dança; oficinas; *workshop*; além de palestras e debates, solidificando, paulatinamente, o seu espaço de produtora cultural. De acordo com De Déa (2006, p.15)²⁸:

Esse grandioso evento, já consolidado na região Centro-Oeste, cumpre dignamente e com extrema beleza, o seu objetivo de ampliar o horizonte de conhecimentos científicos, artísticos e culturais de acadêmicos, profissionais e admiradores das várias expressões de artes.

Inumeráveis são os motivos que nos levam a refletir sobre a necessidade da arte na vida e de projetos que dêem espaço ao desenvolvimento de potencialidades criadoras. Toda sociedade, ao longo de sua história, elabora uma imagem do mundo. Essa imagem é construída a partir de suas raízes, da ressignificação e da nova concepção de lugar. Esse lugar é o “depósito de lembranças”, é nele que guardamos os momentos mais significativos que se realizam em um determinado tempo, lugar e espaço. É com o olhar na idéia de um espaço cultural que desejamos fundamentar as lembranças, alicerçando a possibilidade da construção e de concepção da arte e do outro, para a vida em sociedade.

A arte acontece a partir do entrosamento do sujeito com seu meio. Ela resulta de uma experiência que agrega saberes e, assim, nos proporciona a oportunidade de desenvolver o respeito ao outro e o poder de criatividade de cada ser humano, na interação com a natureza.

A UNIARTE, baseada em Lahorgue²⁹, entende que o ser humano é, a um só tempo, físico; biológico; psíquico; cultural; histórico; ético; estético e social. Por isso é

²⁸ Rosa Maria D’Amato De Déa é Reitora do Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) 2006, P.15.

²⁹ Carlos Théo Laorgue é arte-educador, arte-terapeuta e Mestre em Educação pela UFRGS. Professor de Filosofia da Arte e Estética e Teoria da Arte na URCAMP, professor de Filosofia da Arte-terapia e Semiótica na Pós-Graduação em Arte-terapia no ISEP/CENRTARTE.

necessário que tomemos consciência da complexidade das identidades, evidenciando o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo que é humano. Em relação a este posicionamento da UNIARTE, fala a indígena ³⁰, Kinikinau da Serra da Bodoquena, MS:

O que eu mais gosto aqui, é ver as crianças não indígenas querendo saber e perguntando sobre o nosso trabalho. Isso é gostoso né? Quando a gente chega lá, a gente chega contente. O trabalho indígena a gente dá muito valor.

Somos a um só tempo indivíduo/sociedade/espécie, assim afirma Morin (2000). De acordo com o autor, devemos “[...] contribuir não somente para a tomada da consciência de nossa Terra-Pátria, mas também permitir que esta consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena”. Dessa maneira, se posiciona a UNIARTE, como instrumento de tradução do “eu”, de modo a ajudar a repensar as relações para além do imediatamente perceptível, redimensionando as consciências, a produção de direitos humanos, de democracia e de cidadania, como pode ser percebido na realização de sua “Feira Étnica” (v. fig. 32, 33, 34, 35, 36, 37) que congrega a produção artística de várias etnias, divulgando e valorizando a pluralidade cultural de Mato Grosso do Sul.



³⁰ A senhora de vermelho é a presidente da associação das ceramistas do município de Porto Murtinho.



Figura 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39: “Feira Étnica”: Produção Kadiwéu, Terena e Quilombola. Fotos: MLN.

Sobre o propósito da UNIARTE de despertar, provocar, levar o sujeito a pesquisar dentro de sua historiografia, valorizando a construção de conhecimentos a partir de um pensar sensível, encontra-se respaldo nas afirmações da professora 13: “Posso dizer que a UNIARTE, ela nos “cutuca”, leva a gente a pensar coisas que normalmente não faríamos sem sermos provocados”. Nesse sentido, Meira (2006, p.130) acrescenta que

“educar o sensível é poder encontrar os meios para identificar e extrair das coisas lições”.

Ela completa ainda que antes de explicar, temos que aprender a sentir.

Provocar o imaginário dos sujeitos visitantes na UNIARTE é outro objetivo do evento. A possibilidade de interação entre os indivíduos, proporcionada pelo evento, leva-os à elaboração de novos símbolos, novos afetos e à construção de sua produção artística, estética e cultural. Sobre esse assunto, a Professora 14 comenta: “É importante trazer os alunos aqui na UNIARTE para o desenvolvimento cultural deles. O que eles têm aqui é conhecimento, é formação, é cultura”.

A estética é a expressão do século XXI. Podemos dizer que resulta de formas atuais com valores do passado, incorporados espontaneamente pela própria dinâmica cultural, pelas formas de dominação, que se apropriam dos códigos e de formas de sedução e percepção para impor uma ordem ideológica, permeada por estratégias sutis, fazendo com que tudo seja polarizado para o consumo, para o econômico e para as conveniências dos poderes que sustentam essas formas de dominação.

A UNIARTE reconhece a importância da Estética como campo de estudos, por orientar as práticas e as formulações teóricas sob o olhar da sensibilidade, dos afetos, além de orientar no sentido que o próprio trabalho exige. Reconhece, também, que a estética deve ser incorporada ao sujeito, à sua vida e ao cotidiano, possibilitando-lhe experiências mais íntimas com a arte e com o fazer, promovendo a aprendizagem criadora e de sensibilização. Diante disso, a indígena 2 argumenta³¹:

Ela disse que ficou muito agradecida a UNIGRAN, por terem convidado para participarem desta feira, mas o que mais ela gostou foi de ver a grande quantidade de crianças que querem saber sobre a arte indígena que eles tão apresentando. Ela disse que acha importante a criança não indígena conhecer a nossa cultura. O trabalho indígena agente da muito valor.

³¹ Essa entrevista foi concedida na língua de origem e traduzida pela indígena 1.

O olhar dessas crianças mencionado pela artesã, provavelmente está se formando a partir da sensibilidade estética, um dos objetivos do evento.

A UNIARTE em, pelo menos, suas cinco últimas edições, cresceu proporcionando aos participantes momentos de reflexões e aprendizados. De 2002 a 2006 tivemos um alto índice de escolas visitantes. Quando assumimos a coordenação do evento em 2002 quase não tínhamos a procura de escolas para visitação. Considerando a natureza do evento, que se volta para atividades de ensino, fez-se necessário uma maior divulgação da UNIARTE por parte de sua coordenação. Em 2003, então, telefonamos para algumas instituições de ensino e as convidamos para que trouxessem seus alunos para visitar a exposição. Essa atitude foi tomada pela coordenação do evento por perceber que Dourados, até então, carecia de atividades culturais que proporcionassem às comunidades escolares momentos de aprendizagem e de contato direto com a obra de arte e com o próprio artista. Em 2004 os telefonemas e a procura por parte das escolas anteciparam as nossas expectativas - foram 49 escolas e acima de 4.000 visitantes. Em 2005, o número de escolas visitantes praticamente dobrou - foram 79 escolas e 8.469 estudantes que percorreram os espaços de exposição do evento, em grupos monitorados pelos alunos do curso de Artes Visuais. Em 2006, tivemos 92 escolas e 10.370 estudantes visitantes. Observamos que as escolas particulares quase não procuram o evento para visitação, embora todos os anos lhes sejam enviadas cartas-convite e, mesmo assim, temos pouco retorno desse segmento. O mesmo não acontece com escolas públicas que participam do evento e iniciam seus agendamentos de visita, no mínimo, trinta dias antes e, normalmente, trazem todas as turmas para visitar a UNIARTE. Também divulgamos a UNIARTE através do rádio por ter uma audiência bastante expressiva e um alcance significativo em toda a região da Grande Dourados. Sobre esse aspecto, a Professora 15 informa:

Meus alunos, quando ouvem no rádio a propaganda chamando para a UNIARTE, eles ficam loucos para a escola agendar a visita. Às vezes, temos problemas de transporte para trazer os alunos, temos que contar com a boa vontade da prefeitura. Eles ficam perguntando se já deu certo o ônibus e quando eles acham que não vai dar certo já chegaram a propor de pagarem o ônibus para não perderem a visita.

Um dos motivos que nos instigou a desenvolver esta pesquisa foi a necessidade de saber como retornavam para suas escolas e salas de aula professores e alunos, depois do contato com a UNIARTE. Nesse sentido, a Professora 16³² nos informa:

Tenho vindo à UNIARTE nos últimos anos e percebi o entusiasmo dos meus alunos. Ao retornarem para a escola, resolvi então fazer na semana seguinte como atividade, que eles escrevessem um depoimento falando o que tinham achado do nosso passeio. Escreveram coisas muito legais, mas o que me chamou atenção foi alguns depoimentos que pediram para seus pais, que os levassem novamente até a exposição. A UNIARTE repercute até mesmo em suas casa, na família, ela sai dos muros da UNIGRAN, da escola e vai também para a comunidade.

Entendemos que a arte-educação é importante instrumento para levar o sujeito a reflexões sobre arte, educação e cultura. De acordo com Barbosa e Coutinho (2004, p. 6):

Arte-educação é a epistemologia da arte como pressuposto e como meio; são os modos de inter-relacionamento entre arte e o público, de inter-mediação entre a arte e o apreciador. Seja enquanto meio de investigar os procedimentos pelos quais se aprende arte ou como facilitadora entre arte e público, a arte-educação não pode prescindir da inter-relação entre história da arte, leitura da obra de arte e fazer artístico. Só um fazer consciente e informado torna possível a aprendizagem em arte. Para ser consciente e informado, o educador deve procurar entrar em sintonia com seu tempo, com a contemporaneidade, com sua própria história e cultura.

No ano de 2003, a UNIARTE inovou com três novas propostas para agregar valores ao evento - os momentos culturais que acontecem durante os três períodos, matutino, vespertino e noturno; a Feira de Arte Mix e a Feira de Arte Étnica³³. Os

³²Professora da Escola Estadual Presidente Tancredo Neves.

³³A Feira de Arte Étnica é formada por várias etnias regionais: Terena (Dourados e Campo Grande); Kinikinau (Serra da Bodoquena); Kaiowá (Dourados); Kadiwéu (Serra da Bodoquena); Guarani (Dourados) e

momentos culturais são compostos por pequenos shows – denominados de “Intervenções e Performances” (v. fig. 40 e 41). São convidados artistas da terra de diversas áreas e/ou linguagens artísticas, como: música, dança, teatro, circo, entre outros. Essas atividades, por sua vez, proporcionam a divulgação do trabalho destes grupos para toda a comunidade acadêmica e visitantes e, ainda, proporcionam ao público, a oportunidade de conhecer e estar em contato com várias linguagens artísticas em um mesmo espaço cultural.

Com o passar dos anos foram se aprimorando esses momentos culturais, contando com o apoio do Curso de Turismo da UNIGRAN, que fica atualmente encarregado do cerimonial e da organização dos espetáculos. Porém, a produção executiva continua a cargo do professor do Curso de Artes Visuais Marcelo Lima do Nascimento. Hoje em dia, a UNIARTE conta com o “Pátio UNIGRAN”, que é um espaço apropriado para a realização dos espetáculos (v. fig. 42, 43, 44, 45 e 46).



Figura 40 e 41: Show de Daniel e Banda na XXI UNIARTE. Fotos: MLN.

a Quilombola de Furnas da Boa Sorte (Corguinho). Vale ressaltar que os trabalhos dos Terenas de Dourados diferem dos Terenas de Campo Grande, sendo estes artefatos de cerâmica.



Figura 42, 43, 44, 45 e 46: Show de abertura da XXII UNIARTE: “Solo para palavras e sanfona de brinquedo”, com o poeta Emmanuel Marinho, show “Tocando em Frente”, com Maria Cláudia e Marcos Mendes e “Apresentação coreográfica de *Taiko*, da província de Okinawa, Japão, com o Grupo de dança do Clube Nipônico; Intervenção musical, com Nildo Pacito; apresentação do espetáculo circense com o grupo “Casa Teatro Circo”. Fotos: MLN.

Em 2003, surge, também, como parte integrante da UNIARTE, a “Feira de Arte Mix” (v. fig. 47, 48, 49 e 50) e a “Feira de Arte Étnica” (v. fig. 32, 33, 34, 35, 36 e 37). Também vale ressaltar que quando foi apresentada aos professores a idéia de se montar essas feiras, muitos deles reagiram contrários à proposta, justificando, na época, que aquele espaço era de uma Universidade e que existia ali, um Curso de Artes Visuais. Não se poderia, portanto, levar para apreciação do público o artesanato, que segundo eles, não era classificado como obra de arte, podendo confundir os visitantes e os próprios alunos. O assunto foi debatido e alguns professores não concordaram com aquela justificativa.

As feiras foram implantadas com o apoio de uns e protestos de outros. Hoje é um dos espaços mais visitados da UNIARTE, levando ao público a apreciação da arte, da arte popular, do artesanato e da arte indígena, representada por várias etnias: Terena, Kinikinau, Kaiowá, Guarani e as Quilombolas de Furnas de Boa Sorte.



Figura 47 e 48: Feira de Arte Mix da XXI UNIARTE. Fotos: MLN.



Figura 49 e 50: Feira de Arte Mix da XXII UNIARTE. Fotos: MLN.

Essas feiras são muito importantes, pois é uma maneira de se educar o olhar para as diversidades, o que pode ser observado em depoimentos dos alunos durante o evento: Aluno A: “Adorei conhecer a arte dos índios. Aqui em Dourados eu só tinha visto as bijuterias. Estes que estão aqui tem também cerâmicas que eu só tinha visto nos livros”.

Aluno B: “Os desenhos indígenas que a professora trabalhou com a gente em sala eu vi aqui no trabalho deles, achei muito legal”.

A coordenação da UNIARTE acredita, unanimemente, que o respeito pelo outro e pela diversidade só se realizará quando o sujeito tiver a oportunidade de conviver com ela, entendendo conviver como sinônimo de conhecer.

Além dos aspectos positivos relatados, a UNIARTE registrou, também, alguns fatores que negativamente influenciam o seu percurso. E isso nos levou a refletir sobre a busca de novos caminhos e soluções para os problemas apresentados durante o evento.

No ano de 2003 e de 2004, no decorrer da UNIARTE, foram notados alguns problemas como o desaparecimento de algumas obras de arte, enquanto outras foram danificadas. Observou-se, também, a troca de lugar das mesmas (objetos e esculturas) sendo colocadas em um outro espaço. Tais fatores somados às dificuldades de condições de segurança, tendo em vista ser um espaço de passagem de muitos universitários e de milhares de visitantes, levou a coordenação do evento a repensar o espaço das exposições, decidindo deixar nos ambientes de grande movimentação de público, apenas grandes instalações e painéis com mais de três metros de altura. As obras de menor porte foram expostas em salas apropriadas e na biblioteca. Esses espaços foram constantemente cuidados por seguranças da instituição e pelos alunos-monitores do Curso de Artes Visuais.

Sem uma explicação plausível para justificar o desaparecimento dos trabalhos, o corpo docente do curso procurou mobilizar-se junto aos alunos, através de conversas informais sobre o assunto. Era preciso que, em primeiro lugar, os alunos e futuros arte-educadores tivessem consciência da importância de se respeitar o trabalho do colega e o espaço do outro para que possam ensinar.

Acredita-se, pelos estudos pertinentes, feitos em Barbosa, Richter e Martins que as instituições educacionais devem contribuir para o enriquecimento cultural de todos os indivíduos, objetivo da UNIGRAN e da UNIARTE. Pautando-se nessa concepção, ao que se pôde observar, nasceu este projeto que dialoga com a educação, a arte e a cultura.

4.4.1 XXII UNIARTE: abordagens contemporâneas em arte

A arte leva para o pensamento uma ação; o olhar constrói novos referenciais, não é neutro, conduz o sujeito a reflexões, age sobre o mundo e a sociedade. Conscientes de que as manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos de todos os tempos e lugares, de acordo com o anunciado no projeto, a XXII UNIARTE, realizada em 2006, propôs temas e reflexões voltados para as abordagens contemporâneas da arte: produção, ensino e crítica – importantes enfoques no ensino e na pesquisa das artes visuais.

Comentando sobre essa temática, o Professor 17 considerou que:

O tema este ano da UNIARTE foi bastante polêmico, porque a arte contemporânea é polêmica ela faz agente pensar. Acho que por isto é que estamos vendo tantos trabalhos instigantes, os alunos correm para me perguntar – professor porque aquilo? Então eu expliquei o que é a arte contemporânea e o porquê de determinados trabalhos. Eles ficaram muito impressionados e o que é melhor, ao meu ver, eles estão se tornando mais sensíveis e críticos em relação a arte. O tema este ano foi ótimo.

A coordenação do evento encaminhou suas atividades culturais, artísticas e científicas para as reflexões em torno da produção, do ensino e da crítica da arte contemporânea. Nesse sentido, também as produções plástico-visuais apresentadas, tanto

pelos alunos, quanto pelos artistas convidados, foram direcionadas para o tema. Professores e alunos se incumbiram de realizar trabalhos orientados pela produção contemporânea de arte e pelas tendências estéticas da atualidade como, por exemplo, a arte da apropriação e da reciclagem, o texto, o corpo, a memória, a política, a enfermidade da vida, a degradação dos corpos, a sensibilidade feminina e tantas outras que compõem o panorama estético da chamada “pós-modernidade”.

Foi dessa maneira que aconteceu, como se pôde observar a XXII edição da UNIARTE, em que o “tradicional”, “o bem feito”, “o bonitinho” e o óbvio não tiveram espaço. Diante disso, como conseqüência, surgiram inúmeras críticas, tanto positivas quanto negativas, além de comentários sobre o evento, dos quais relataremos alguns.

Um dos trabalhos mais polêmicos apresentados pelos alunos do curso de Artes Visuais, nessa edição, foi um grande painel de três metros de comprimento por dois e vinte de largura (v. fig. 51 e 52). Essa obra tinha como proposta a reflexão em torno da proibição, por parte da Igreja Católica, ao uso de anticoncepcionais e preservativos masculinos (“camisinha”).

Ao proporem o trabalho, os alunos tinham a intenção de chamar para a reflexão em torno do grande paradoxo existente entre a necessidade da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, o sexo desenfreado, principalmente entre adolescentes e os preceitos conservadores da Igreja Católica como, por exemplo, quanto ao uso de preservativos e à prática do aborto.

A obra foi elaborada com caixas de anticoncepcionais de diversas marcas, pacotinhos de camisinha e Terços de contas plásticas coloridas. A estrutura do trabalho foi composta por uma grande cruz, construída com as caixas de anticoncepcionais abertas.

Essa cruz dividia o painel em quatro partes, nas quais foram costurados os terços coloridos e dentro deles os pacotinhos de preservativos.



Figura 51 e 52: O painel citado e o grupo circense, “Casa Teatro Circo”, satirizando a polêmica em torno da obra. Fotos: MLN.

Os Terços instigavam o público a uma reflexão do homem em relação à vida atual, num mundo rápido, agitado e com relacionamentos efêmeros, em que cada sujeito é apenas mais um. Propunham, também, um olhar mais cuidadoso dos homens para com suas famílias, núcleo de amor e de respeito ao outro. Todos os materiais utilizados na obra foram cuidadosamente selecionados a partir de seu significado simbólico. Para Fleuri³⁴, “o símbolo é a atribuição convencional de intencionalidades (subjetividade) aos elementos materiais (objetividade)”.

Dessa maneira, os materiais foram escolhidos a partir de sua simbologia. Cada material deixa de ser o que é para ser apenas uma representação. A cruz é um dos símbolos cuja presença é atestada desde a mais alta antigüidade e apresenta uma função de síntese e

³⁴ Fleuri, Reinaldo Matias. II Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão: práticas educativas num contexto intercultural. Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação e Desenvolvimento Local e Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – NEPPI – Universidade Católica Dom Bosco, 18 a 21 de setembro de 2006. Palestra: Educação Escolar e Práticas Interculturais. (19/09/2006).

de medida, na qual se juntam o céu e a terra e se confundem o tempo e o espaço. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 309-317):

A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, condensando nessa imagem a história da salvação e a paixão do salvador. A cruz simboliza o Crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo, a Segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ela é mais que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com a sua pessoa.

Diante dessa forte simbologia cristalizada na cultura ocidental, surgiram alguns problemas durante a XXII UNIARTE. No segundo dia da XXII UNIARTE, em meio a palestra da professora Marly Meira, fui chamada, enquanto coordenadora do Curso de Artes Visuais, por uma das recepcionistas do evento. Ao sair perguntei-lhe o que de tão grave estava acontecendo para que eu fosse retirada da referida palestra. A recepcionista me informou que havia uma senhora muito nervosa e que desejava falar comigo urgentemente. Quase que simultaneamente, já estava ao meu lado a tal senhora, visivelmente nervosa e descontrolada. Estávamos na porta, em frente ao auditório e a senhora passou a interrogar-me sobre a obra dos terços com as camisinhas, em um elevado tom de voz. A princípio, fiquei muito constrangida com tudo aquilo, pois pensei que as pessoas presente na palestra poderiam estar ouvindo. Não esperava tal reação! Convidei a referida senhora, então, para irmos conversar em uma sala ao lado do auditório, que abrigava a exposição dos artistas sul-mato-grossenses – convidados especiais da XXII UNIARTE. Quando chegamos na sala, percebi que a tal senhora não estava sozinha, havia com ela mais quatro senhores que a apoiavam. Ela estava completamente indignada, não entendia como eu, coordenadora do curso de Artes Visuais da UNIGRAN, havia permitido a exposição de uma obra como “aquela”. Tentei argumentar, explicando o conceito da obra e sua relação com o tema proposto para o evento – que chamava para a reflexão da

produção, do ensino e da crítica da arte contemporânea. Foi bastante constrangedor, pois a senhora descontrolada não me deixava falar, exigindo que a obra fosse retirada imediatamente da parede. Nesse momento, chegou um dos professores do curso, responsável também pela coordenação do evento que, percebendo minha ausência no auditório, foi ver o que estava acontecendo. Ao notar a presença do professor, a tal senhora ficou ainda mais indignada e começou a agredi-lo, partindo “de dedo” para cima dele. No entanto, eu e o professor não nos descontrolamos e nem “perdemos a cabeça”. Diante disso, cruzei os braços e ouvi o que ela tinha ainda para falar (Como discutir com alguém que havia perdido o controle? Impossível!). Apenas respondemos a ela que a obra não seria retirada da parede, pois estávamos em uma Universidade e que ali era local de discussões e debates e, principalmente, de livre expressão – garantida pela Constituição Federal.

A polêmica estava formada. Levei imediatamente o problema à reitoria da instituição, uma vez que não poderia deixar de comunicar o que estava acontecendo. Tivemos o maior apoio da reitora, que reafirmou ser aquela uma instituição aberta e moderna, onde a arte tem livre expressão. E, ainda, que não se pode contentar a todos, pois a arte contemporânea é isto, traz, muitas vezes, conflitos, mas, também, muitas reflexões.

No dia seguinte, fomos procurados por um padre, Assessor Diocesano de Comunicação da Diocese de Dourados (*sic*)³⁵. Ao telefone, expliquei-lhe todo o conceito da obra e qual era o tema do evento. Convidamos o padre para visitar a XXII UNIARTE e ver *in loco* a obra em questão, uma vez que ele estava falando de algo que não tinha visto. A visita não aconteceu, de fato, e os comentários continuaram, pois a polêmica foi divulgada, principalmente via *e-mail*, pelo referido padre, para todo o território nacional.

³⁵ Expressão/título utilizada nas correspondências recebidas.

Até mesmo o bispo se manifestou pela imprensa, por meio de uma carta aberta à comunidade.

Diante da polêmica instaurada, a coordenação do evento reuniu toda a equipe de monitores e esclareceu o que estava acontecendo. Após a explicação dos fatos, eles foram orientados a prosseguir com a monitoração das obras da mesma maneira, sem dar destaque especial para a obra polemizada.

A coordenação do evento sentiu que deveria esclarecer para a comunidade o que estava acontecendo e redigiu uma carta que foi publicada em todos os jornais locais. Decidiu, também, em sinal de protesto, cobrir a obra com um tecido preto (v. fig. 53), não retirando-a da exposição. Tal atitude causou ainda mais curiosidade e interesse do público. Depois que ela foi coberta, orientamos os monitores a dar explicações a partir do que realmente havia acontecido.



Figura 53: Painel coberto em sinal de protesto durante a polêmica. Fotos: MLN.

O trabalho estava exposto no bloco onde funciona o Curso de Direito. Alguns alunos do referido curso, ao perceberem que a obra havia sido coberta – indignados –, dirigiram-se imediatamente a coordenação do evento com o propósito de esclarecer o fato. Explicamos a eles o que realmente estava acontecendo, narrando, desde o princípio, a polêmica estabelecida. Tivemos deles todo o apoio, mas, não satisfeitos, os alunos, indignados, rasgaram o tecido e colaram sobre ele fragmentos da Constituição, principalmente o artigo 5º, inciso IV e IX, que afirmam, respectivamente: “[...] é livre a manifestação do pensamento” e “[...] é proibido cercear a liberdade de expressão, da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.

A coordenação da XXII UNIARTE recebeu trinta e seis *e-mails* de protestos vindos de todo o país por parte de católicos indignados com a exposição. Vale ressaltar, que todas essas pessoas que se manifestaram contra, o fizeram por terem tomado conhecimento da obra por parte do Assessor Diocesano de Comunicação da Diocese de Dourados. A coordenação recebeu também muitas cartas de apoio, reafirmando a seriedade do evento. Seriedade esta, comprovada pelo próprio programa do evento.

A XXII UNIARTE, assumindo o comprometimento, alardeado no projeto, com a produção artística, com a produção científica e com sua própria memória, publicou, pela primeira vez, um “Caderno de Resumos”, com o objetivo de documentar e divulgar os trabalhos apresentados durante o evento.

Nessa publicação, entre os vários depoimentos transcritos, está o da reitora da UNIGRAN, Rosa Maria D’Amato De Déa (2006, p.15), que afirma,

[...] mais um desafio foi vencido com essa publicação, que compreende um conjunto de trabalhos programados por professores, acadêmicos, artistas e intelectuais deste e de outros estados, servindo inclusive de patrimônio histórico

a ser preservado e, a partir de agora, ser editado anualmente com a mesma consistência e regularidade da UNIARTE nesses seus vinte anos de existência.

Além dessa publicação, foi criado também um *site* com informações, galeria de obras, fotos, resumo de textos, artigos, *links* recomendados, participantes, parceiros, instituições culturais, sessão de cartas, opiniões e outros, no qual o internauta pode navegar pelo universo da UNIARTE, visitando virtualmente o espaço.

Cumprindo mais uma meta anunciada no seu projeto, a XXII UNIARTE instituiu, também, uma página especial no seu “Programa e Resumos”, com depoimentos de especialistas da área de letras e artes, denominada “Sob a ótica dos amigos da UNIARTE”. Nessa página foram publicadas algumas reflexões de importantes artistas, educadores, pesquisadores e críticos de arte de todo o Brasil que, ao longo dos anos, participaram da UNIARTE, porém nem todos com textos publicados: Ana Mae Barbosa, Carlos Théo Laorgue, Emmanuel Marinho, Frederico Richter, Humberto Espindola, Ivone Mendes Richter, Lucimar Bello, Luiz Áquila da Rocha Miranda, Maria da Glória Sá Rosa, Mirela Ribeiro Meira, Miriam Celeste Martins, Mônica Barki, Adir Casaro Nascimento, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Marly Meira, Carlos Nunes, Evandro Prado, Rita Limberti, Rejane Galvão Coutinho, Jérri Roberto Marin, entre tantos outros.

Dentre os textos publicados, destacamos o dos artistas plásticos Mônica Barki e Luiz Áquila, da Prof^ª. Dr^ª. Lucimar Bello, do Prof. M.Sc. Carlos Théo Laorgue e da Prof^ª Dr^ª Ivone Richter:

Artistas plásticos Mônica Barki e Luiz Áquila:

Nossa experiência na UNIARTE foi muito boa, pois tivemos possibilidade de entrar em contato com a produção de diversos artistas jovens que por serem bem orientados, têm obtido ótimos resultados. A convivência com colegas de

Dourados nos estimulou e enriqueceu-nos. Foi muito satisfatório, também, termos tido público numeroso e atento em nossas palestras e oficinas.

Prof. Dr^a Lucimar Bello:

Estive trabalhando com vocês e foi um enorme prazer partilhar experimentações na arte e seu ensino, atreladas a percursos de densidades conceituais, estéticas e estésicas (das estésias de saberes com sabores, quer ácidos, quer deliciosos). Foram momentos bastante vigorosos ver os trabalhos dos alunos e as trocas com professores, mostrando cumplicidades em processos de criação, do aluno, dos artistas e de professores em formação.

Prof. M.Sc. Carlos Théo Laorgue:

Mais do que agradecer pela participação no evento, quero dizer que este foi a possibilidade de grande aprendizagem, tomada de consciência, olhar com um novo olhar.

Prof^a. Dr^a Ivone Richter:

Apresento os meus mais sinceros parabéns à UNIGRAN e ao curso de Artes Visuais pelo evento XXI UNIARTE, pois fiquei impressionada com a qualidade e a profundidade das discussões apresentadas. Foi uma agradável surpresa verificar que, em Dourados os professores estão atuando de forma tão eficiente e atualizada, com um enfoque humanista de grande abrangência.

Como sabemos, a arte contemporânea estimula a reflexão pela busca de respostas às atuais inquietudes, possibilitando o envolvimento com os ritmos universais em que vivemos. Diante disso, a UNIARTE, de acordo com sua proposta, mostra que procura cumprir o sonho da mais abençoada rebeldia, enfatizando a celebração à vida e à arte, respeitando o outro e as diferenças nesse caótico mundo contemporâneo, cruzado por feridas e belezas, além de ser palco de novas idéias e conceitos capazes de fomentar grandes transformações.

4.4.2 Relatos e Reflexões sobre a XXII UNIARTE³⁶

Os relatos e as reflexões que seguem e que estão presentes em todo o corpo do texto foram colhidos, em sua grande maioria, durante ou logo após a XXII UNIARTE, em 2006. Considerando a natureza da pesquisa, os instrumentos metodológicos eleitos para a coleta de informações foram: entrevista oral, observações *in loco* e relatos escritos, em que a relação dos sujeitos envolvidos é considerada condição essencial, uma vez que, ao se estabelecer os sujeitos, o pesquisador identifica, coleta dados, atitudes, sentimentos, crenças e valores de seus informantes.

Os três primeiros relatos apresentados são de acadêmicos do último ano do Curso de Artes Visuais e foram coletados logo após o evento. Foi proposto aos alunos que, primeiro, expusessem sua opinião através de um texto sobre a semana da UNIARTE para que depois, em um segundo momento, fosse feita uma reflexão em grupo sobre todo o evento. Os textos escolhidos foram selecionados porque seus autores, além de alunos do curso de Artes Visuais, também são professores das redes Municipal e Estadual de Ensino, motivo de grande relevância para a pesquisa.

A seguir, apresentaremos três depoimentos escritos de acadêmicos do Curso de Artes Visuais da UNIGRAN, aqui identificados como: Aluno A, Aluno B e Aluno C.

Aluno A:

A UNIARTE já é um evento que faz parte do calendário de muitas escolas do nosso Estado de Mato Grosso do Sul. Desde o seu início em 1984, as exposições da UNIARTE têm servido para: Fazer conhecida a produção artística do nosso Estado; provocar discussões sobre a importância da arte para a educação; instigar discussões sobre os caminhos da arte nos dias atuais; fomentar a produção e

³⁶ Depoimentos escritos e orais de acadêmicos do Curso de Artes Visuais e alunos da Escola Tancredo Neves sobre a XXII UNIARTE.

exposição de arte; por em xeque as concepções arcaicas de arte que muitas pessoas ainda têm.

Enfim, a UNIARTE vem se transformando e transformando a nossa cidade, pois tem proporcionado especialmente aos acadêmicos do curso de Artes Visuais a possibilidade da pesquisa, produção e exposição em artes, dessa forma preparando pessoas/profissionais para atuar como educadores que darão continuidade ao processo de transformação, fazendo com que muitas pessoas saiam do senso comum no que se refere a Arte.

Neste ano, a UNIARTE em sua XXII edição, abordou a Arte a partir da ótica da contemporaneidade. A Arte Contemporânea não mais tem a função de representar o mundo real, de preocupação com o belo, de usar apenas os materiais convencionais para pintura ou escultura, ela não está presa a nenhum tipo de segmento, como no passado remoto, a arte na atualidade tem como função, entre outras coisas, apresentar o objeto e provocar as interpretações e as inquietações no espectador. Esse objeto, muitas vezes, é comum ao nosso cotidiano, que sendo redirecionados ou tirados do seu uso elementar, provocam o olhar dos mais atentos.

É nesta perspectiva que devemos entender a exposição da UNIARTE que aconteceu de 23 a 27 de outubro de 2006. Os alunos das três turmas do curso de arte prepararam as pesquisas para a produção de diversos tipos de trabalhos: pintura, painéis, objetos, instalações, esculturas e afrescos. Cada tipo de trabalho exigia um suporte diferente e também diversos materiais. Dentre os materiais escolhidos destacamos: cacos de vidro, pregos, arame farpado, calcinhas, cuecas, absorventes, bonecas, couro de boi, carvão, terra, preservativos, caixas de anticoncepcional, rosários, ossos, papel higiênico etc... Os temas abordados refletiam assuntos atuais, o que fez da exposição uma provocação aberta (não no sentido prejudicial), mas para conduzir seus expectadores a reflexão. Neste desejo de provocar reflexões, alguns trabalhos realmente conseguiram alcançar seus objetivos.

Estes trabalhos provocaram a ira de muitas pessoas, simplesmente por puro preconceito e falta de informação. No que se refere a falta de informação, entende-se que pessoas sem conhecer os caminhos da arte na atualidade, acharam ridículo, e ainda pior, consideraram as obras como uma afronta a suas preferências religiosas, segundo, literalmente, os dogmas, como se estes não fossem passíveis de questionamentos. Agiram de forma leviana, tentando denegrir a imagem de pessoas que representam o curso, e querendo eliminar o livre direito de expressão de todo o ser humano. Ainda outros, sem sequer conhecer pessoalmente as referidas obras, foram à mídia impressa e teceram opiniões, incitando outras pessoas a fazer o mesmo ou até mesmo a agir com violência.

Longe de querer insultar alguma religião ou seus objetos de culto, a intenção era mostrar que muitos conceitos estabelecidos pelas religiões e pela sociedade podem, e devem, ser abordados e analisados. A arte contemporânea atua com liberdade e esta liberdade diz respeito ao uso de materiais, a forma de exposição ou manipulação desses materiais e também, de produzir obras que questionem tudo aquilo que está posto como certo.

Assim, os trabalhos da XXII UNIARTE, mexeram com os 'nervos' dos que lá estiveram e as próximas edições também o farão, pois, aquilo que mexe com o interior das pessoas pode ser traduzido e entendido como algo essencialmente bom e transformador. É isto que a sociedade precisa: pessoas transformadas, que pensem a respeito de seus valores, que olhem para o próximo (o diferente), não segundo seus preconceitos, que o olhem com amor, percebendo que são pessoas dignas de viver da forma como escolheram.

Aluno B:

Levando em conta tudo que vi e ouvi, posso dizer que todos têm direito de ter sua própria opinião e que pode ser diferente da nossa, mas devemos respeitar primeiramente uns aos outros. Por exemplo, os painéis são polêmicos sim, mas diante de tudo que assistimos na televisão no horário nobre, vou questionar o que?

Devemos refletir sim, sobre a polêmica que a UNIARTE causou, mas felizmente sabemos: todas as mostras realizadas no mundo da arte, causaram estranheza e muita crítica, fato que é bem vindo desde que as pessoas não deturpem os fatos. A UNIARTE está no caminho certo, pois leva à sociedade a reflexão de seus valores e dogmas, caso contrário o que seria de nós sem a arte contemporânea, por certo seríamos meros espectadores de um mundo entediante. Tudo que choca nos faz refletir.

Bastam poucos minutos de reflexão para que percebermos que milhões de pessoas morrem todos os dias devido às invenções do homem, às guerras; temos, também, a fome que mata, sem ao menos pedir licença. Falar é fácil, reagir é muito difícil. Sabemos que a escassez de água em breve fará parte de nossa realidade. Alguém parou de lavar as calçadas e os carros? Pararam o desperdício? E, finalmente, as florestas destruídas, pararam e refletiram sobre o assunto? Analisaram que nossos filhos e os filhos de nossos filhos não mais poderão respirar? Logo, é preciso fazer algo, além de assistir a televisão e criticar o que não se conhece e não se compreende: a leitura de uma imagem.

Aluno C:

A UNIARTE foi uma exposição muito interessante, aprendemos a reciclar muitos tipos de materiais. Em alguns trabalhos eles retrataram a cultura de cada região do país. Gostamos muito da exposição e esperamos estar lá no próximo ano.

Este ano (2006) o tema que causou tanta polêmica aos colegas católicos, mas como “titio” fala, Arte trás discussões, inquietações etc. ainda mais com esta abordagem, pois a arte contemporânea faz com que os próprios estudiosos da área reflitam.

Entendemos que este ano a UNIARTE se destacou, pois atingiu um alto ponto de reflexão, reflexões essas que para alguns tomaram viés político. De qualquer forma a sociedade, ouviu falar da UNIARTE. E, não importa a maneira pela qual ouviu, importa, sim, que causamos algum tipo de pensamento, pois para Janson (1992, p. 10) “na arte como na linguagem o homem é um criador de símbolos, através dos quais nos transmite de um modo novo pensamentos complexos”.

Este símbolo da Igreja Católica deve ser respeitado, pois toda a religião tem seus dogmas e os mesmos devem ser respeitados, agora, eles determinarem o que devemos ou não fazer é outra coisa. A arte nos dá o direito da livre expressão e também tem o objetivo de fazer refletir, pensar, instigar, criticar entre tantas outras coisas, seja a favor ou contra, tem que tocar o sentido, de preferência a sensibilidade dos sentidos assim nos fala Ana Mae Barbosa.

Os painéis e a UNIARTE, em geral, trouxeram reflexões e como arte-educadores não podemos nos levar pela a emoção. Temos que aproveitar o momento e falarmos sobre essas reflexões, explicar o tema proposto, entender o que este painel trouxe e porque causou polêmica e buscar entender o outro, e seus posicionamentos. O momento é de reflexão e discussão e a UNIGRAN deve usar seu espaço como pólo educacional e fomentar essas discussões, não apenas com uma pequena parcela de sua comunidade acadêmica, mas com todos os alunos.

Como nossa professora disse: Ninguém fez protesto em frente ao cinema quando passou o filme Código da Vince, tão polêmico que fez insurreição sobre a vida do redentor do mundo, Cristo, símbolo máximo para os cristãos. As transformações do sujeito, como já diz Manoel de Barros, acontecem

naturalmente, pois “...O olho vê, a lembrança revê, e a imagem transvê. É preciso desformar o mundo...”.

Apresentaremos a seguir, sete relatos escritos e orais de alunos da Escola Estadual Presidente Tancredo Neves que visitaram a XXII UNIARTE. Esses alunos cursam a oitava série do Ensino Fundamental e sua faixa etária varia entre catorze e quinze anos. Serão identificados como: Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, Aluno 4, Aluno 5, Aluno 6 e Aluno 7.

Aluno 1:

A exposição da UNIGRAN foi uma grande demonstração de artistas. As telas retratavam vivamente as coisas de nosso ambiente, flores e até biologia eles retrataram nas telas.

Aluno 2:

A UNIARTE é um evento onde é mostrado que podemos representar a arte de várias maneiras. Os alunos da UNIGRAN fazem todos os anos ótimos trabalhos usando a arte. Vi muitas obras de arte, algumas não me lembro de todas, mas, tem algumas que me chamaram a atenção: o esqueleto que representava uma modelo, muitas mulheres acabam se espelhando em uma modelo onde param de comer para que possam ficar magrinhas como elas, é onde acabam ficando doentes. As obras indígenas também foi muito interessante de ver. Eu adorei ir até a UNIGRAN para ver essas obras.

Aluno 3:

A arte pode ser representada de várias maneiras, basta apenas saber o que é arte. A UNIARTE nos mostra que coisas que achamos não ser úteis transformam-se em arte, e coisas que achamos ser inúteis podem trazer um grande significado.

Aluno 4:

Gostei muito da exposição de arte, foi interessante. Mostraram muito a realidade, por exemplo, a violência nas mulheres, a vaidade feminina e a masculina e a corrupção. O trabalho indígena também foi legal por que nunca tinha visto um trabalho destes de perto. Faz já alguns dias que fui a exposição mas até hoje não me esqueci das obras. Eu adorei o final com uma apresentação de uma banda, foi muito legal.

Aluno 5:

Eu achei interessante os temas da exposição. O que me chamou mais a atenção foram os quadros pintados pelos alunos e também o trabalho indígena, que nos mostra um pouco da cultura dos índios.

Aluno 6:

A feira de arte foi muito interessante e curiosa, porque todos os trabalhos foram muito bem feitos e com muitos detalhes. Muitos trabalhos foram feitos com materiais recicláveis e de objetos como: garrafas, preservativos, papel higiênico, cerâmica, ossos, bonecas, espelho etc...Esta feira nos ensina a utilizar materiais recicláveis que podemos usar para retratar um local ou uma paisagem.

Aluno 7:

Ao visitar a UNIARTE, eu observei as diversas formas que uma pessoa pode se expressar através da arte. Através desta exposição foi possível entender como podemos mostrar através da arte os problemas que o país enfrenta. Muita coisa é possível de aprender e até mesmo saber que a arte está presente no nosso cotidiano, seja ela em escultura, pintura, na música enfim a arte sempre está presente.

Os testemunhos coletados mostram que a UNIARTE é capaz de provocar discussões e de fazer com que as pessoas, de alguma forma, se posicionem e reflitam sobre assuntos polêmicos que estão presentes no mundo contemporâneo, fragmentado e efêmero, como a política, a religião, a enfermidade da vida, a sensibilidade feminina, a reciclagem, a violência, o meio ambiente, entre tantos outros (v. fig. 54, 55, 56, 57 e 58). Muitos deles são causadores de conflitos, razão pela qual são deixados de lado.



Figura 54 e 55: Exposições e obras da XXI e XXII UNIARTE. Fotos: MLN.



Figura 56, 57 e 58: Exposições e obras da XXI e da XXII UNIARTE. Fotos: MLN.

A UNIARTE se propõe a fazer reflexões posicionando-se diante dos conflitos suscitados, na tentativa de sugerir que professores e arte-educadores ampliem suas reflexões e ofereçam aos sujeitos envolvidos e parceiros desta caminhada (alunos, professores e outros) instrumentos para uma formação mais crítica e compromissada com as questões político-sociais.

O professor de arte deve posicionar-se como instrumento de oposição à manipulação do trabalho docente em artes, principalmente quando agregam interesses ideológicos de dominação. A UNIARTE procura fomentar nos arte-educadores, a partir das angústias e aflições expressas por vários deles, a constante busca por mais espaços

junto às instituições de ensino, para que a arte seja vista como uma disciplina autônoma, reflexiva, de importância fundamental para o desenvolvimento cognitivo do educando.

Para tanto, a UNIARTE procura se configurar como um espaço de promoção e divulgação das manifestações artístico-culturais e do pensamento científico sobre artes visuais, arte-educação, leituras da obra de arte e produções artísticas, propondo reflexões críticas na contemporaneidade, trabalhando, portanto, com o olhar voltado para o público. Dessa maneira, o diálogo entre a equipe de professores e monitores pode significar uma nova motivação nas práticas educativas e voltar-se, também, para as exigências quanto à formação de professores capacitados para uma atuação crítica e competente nas diversas áreas da comunicação visual. Segundo Barbosa (2005, p.32):

O conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação. Arte-educação é uma certa epistemologia da arte como pressuposto e como meio são os modos de inter-relacionamento entre a arte e o público, ou melhor, a intermediação entre o objeto de arte e o apreciador. Nem a arte-educação como investigação dos modos pelos quais se aprende arte, nem a arte-educação como facilitadora entre a arte e o público podem prescindir da inter-relação entre história da arte, leitura da obra de arte e fazer artístico.

Acreditamos que um fazer consciente, atualizado, possibilita uma profícua aprendizagem em arte e a UNIARTE, nesse sentido, tem a intenção de contribuir para o desenvolvimento de projetos que conduzam o sujeito ao contato com a obra de arte, com a crítica de arte e com o artista, buscando colaborar para uma sociedade consciente de suas diferenças, capaz de aceitar qualquer cidadão. O evento procura levar a experiência estética e apresentar o espaço da UNIARTE ao maior número de pessoas possível, para que estas, ao retornarem a suas casas, suas escolas e salas de aula sejam propagadoras da arte, da educação e da cultura.

Essa contribuição pode ser constatada nas palavras da Professora 18: “Aqui na UNIARTE, os meus alunos têm a oportunidade de ver o trabalho e conversar com quem criou, acho que isto incentiva para depois eles fazerem os seus em aula”.

Ana Mae Barbosa (2005) acredita que a escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para uma grande maioria de estudantes e que o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica. Dessa maneira, a escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e à formação estética de todos. Nessa mesma direção, também reconhecemos que a arte é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade, mesmo assim, são reservados a ela pequenos espaços na escola.

4.5 A UNIARTE e suas influências: a Escola Estadual Presidente Tancredo Neves

A Escola Estadual Presidente Tancredo Neves, inaugurada em 1986, localiza-se à Rua Filomeno João Pires, nº 2.648, Bairro Parque das Nações I, periferia da cidade de Dourados, e atende a uma comunidade de classes média e baixa. Possui sessenta e quatro professores, sendo dois de arte, mas não possui sala especial para a disciplina de arte. A escola funciona nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. Oferece Ensino Fundamental (1ª a 8ª série), Ensino Médio (1ª a 3ª séries) e a EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola está em fase de reconstrução e conta com a participação de todo o corpo docente para sua reelaboração. Segundo a Coordenadora Pedagógica da escola, um dos motivos da reconstrução do PPP é a inclusão

de três projetos que, de acordo com a direção, já estão em andamento e são de extrema importância para o desenvolvimento sócio-cultural da escola, são eles: o Projeto Diversidade, o Projeto Folclore e o Projeto TANARTE. Para a coordenadora, esses projetos nasceram a partir das visitas feitas na UNIARTE. Visitas essas que proporcionaram novos olhares e como se trabalhar na escola de maneira a envolver toda a comunidade escolar, bem como o seu entorno. Cada um desses projetos tem o seu próprio perfil e suas características bem definidas para que possam agregar todos os alunos e a comunidade.

O Projeto Diversidade, elaborado pela direção da escola, trabalha especificamente com questões afrodescendentes e de Populações Indígenas (etnias). Conforme relatado pela professora responsável, foi necessária a implantação do projeto na escola, porque é visível o preconceito em relação ao negro e ao índio no ambiente escolar. Segundo a professora:

A gente fala, fala, fala, e, no entanto, basta apenas um gesto para estarmos pregando o preconceito, acho que isto é próprio do ser humano. Na verdade é muito difícil trabalhar com este tipo de projeto, pois os próprios professores não têm o hábito de trabalhar em grupo muito menos com o outro – uns acham que é perda de tempo, outros não se envolvem para não causarem polêmica e outros ainda abraçam e executam o projeto por acreditarem que aos poucos eles poderão trazer mudanças - posso dar como exemplo o professor de matemática que acredita não precisar participar deste tipo de atividade - ele acha que seu conteúdo está além de qualquer outra atividade, principalmente deste tipo que, segundo ele, não vai dar em nada.

A professora ressalta que é complexo trabalhar com o Projeto, talvez, pela falta de maturidade dos próprios organizadores, mas admite que isto possa ser revertido com a continuidade do mesmo e pelas mudanças que, provavelmente irão ocorrer.

Reinaldo Fleuri (2003) coloca que devemos compreender as culturas como sistemas originais de viver e pensar. Confluindo com esse ponto de vista Costa (1998, p.65-66) propõe a seguinte questão:

Se as culturas são singulares e constituem os seus significados em uma semântica e léxico próprios, parece impossível falar de uma cultura, a partir de outra, sem praticar alguma forma de violência, sem imposição de sentidos. Seria então concebível e exequível um projeto que aspire ao diálogo entre culturas diferentes? Culturas diferentes podem conversar entre si? É possível conceber projetos coletivos que preservem as diferenças?

Nessa mesma direção, acreditamos que uma educação que trabalhe com as diversidades e com projetos artístico-culturais na escola está de acordo com a realidade brasileira, por transportar para as salas de aula uma visão crítica e diferenciada, capaz de conduzir o sujeito a perceber as diferenças existentes ao seu entorno. Nessa perspectiva, a Professora 17 afirma que: “Acredito que a UNIARTE tem influenciado muito para o surgimento de novos projetos e também mostras de arte nas escolas. Tenho conhecimento de várias escolas que hoje fazem feiras tipo a UNIARTE”.

Assim, percebemos que a escola Tancredo Neves procura adaptar-se à realidade da educação brasileira. Demarcar a diferença conduz o olhar a aprender a ver sob uma outra ótica, e, ainda, transformar esse ver em gestos de visibilidade que unem um e outro olhar.

O Projeto Folclore, da escola Tancredo Neves, é realizado há dois anos e tem como princípio a revitalização das tradições. Segundo esse projeto, o Brasil possui um dos folclores mais ricos de todo o mundo. São danças, festas, comidas, obras de arte, superstições, comemorações e representações que, pelos quatro cantos do país, exaltam a nossa cultura. Portanto, de acordo com o projeto, pode-se definir folclore como o conjunto de crenças, costumes e tradições que se transmite de geração em geração.

O termo Folclore foi criado pelo arqueólogo inglês Willian John Thomas, em agosto de 1846, quando escrevia um artigo para uma revista inglesa. Para a criação dessa palavra, usou dois outros vocabulários em inglês *Folk* (povo) e *Lore* (saber, ciência), que significa o “saber tradicional do povo”.

Segundo Rossini (1972, p.15) Folclore “é a ciência que estuda os fatos de cultura material e espiritual, criados ou adaptados pelos meios populares, nos países civilizados, que podendo ou não apresentar as características anônimas ou tradicionais, são essencialmente de aceitação coletiva”.

As professoras de arte que coordenam o Projeto Folclore apóiam-se nessa definição para a sua realização. O evento é realizado no mês de agosto, quando se comemora o “Dia do Folclore”.

Entendemos como Hall (2001), que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Cada cultura nacional é um discurso, uma maneira de se construir sentidos, os quais vão influenciar na organização de nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzirem sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. De acordo com Hall (2001, p.51) “Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Ainda seguindo as idéias de Hall (2001 p. 55-56).

A identidade nacional é também, muitas vezes, simbolicamente baseada na idéia de um *povo ou folk puro original*. Mas, nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (*folk*) primordial que persiste ou que exercita o poder (grifos do autor).

As culturas nacionais são, inúmeras vezes, tentadas a se voltar para o passado, para restaurar as identidades passadas e esse retorno oculta uma luta de mobilização das

pessoas para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade. Ernest Renan (*apud* Hall, 2001, p. 58), disse que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: “[...] a posse em comum de um rico legado de memórias..., o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisa, a herança que se recebeu”. Devemos estar sempre atentos a três conceitos: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; e a perpetuação da herança.

Recorrendo a Canclini (2003), para elaborar o sentido histórico e cultural de uma sociedade, é preciso estabelecer o sentido original que os bens culturais tiveram e diferenciar os originais das imitações. De acordo com o autor (2003, p. 201),

As representações culturais, desde os relatos populares até os museus, nunca apresentam os fatos, nem cotidianos nem transcendentais; são sempre re-apresentações, teatro, simulacro. Só a fé cega fetichiza os objetos e as imagens acreditando que neles está depositada a verdade.

Entendemos, como o autor, que a política cultural e de pesquisa relacionada ao patrimônio não tem por que reduzir sua tarefa ao resgate dos objetos autênticos de uma sociedade.

Assim, entende-se que o Projeto realizado pela escola Tancredo Neves justifica sua intenção de revitalização das tradições e/ou valores culturais, intenção percebida e acatada pelo que pudemos observar, também pela comunidade discente.

O relato dos professores envolvidos e as informações obtidas nos levam a crer que o Projeto Folclore foi recebido pelos alunos de maneira aprazível. Esse fato nos leva a concluir que a educação torna-se reflexiva à medida que os sujeitos envolvidos tornam-se conscientes de seu papel como intérpretes de sua cultura. Segundo depoimento de uma das professoras da escola:

A idéia de fazermos este projeto surgiu em uma das visitas a UNIARTE, ao chegarmos ao evento vimos uma grande instalação de bonecos gigantes, estes bonecos, representavam os bonecos do carnaval de Olinda. Percebi então que nossos alunos não tinham conhecimento de nosso folclore, só conheciam e ainda muito pouco o que tínhamos aqui, na nossa região. Neste momento surgiu a idéia de fazer um projeto na escola que lavasse os nossos alunos a conhecerem o que temos por este Brasil a fora.

A escola Tancredo Neves acredita que, por intermédio de seus projetos culturais, contribuirá para a formação intelectual de seus alunos, levando-os a perceber a importância de conhecer o seu passado cultural e suas tradições.

Diante disso, reafirma a idéia de que, precisamos conhecer e valorizar, cada vez mais, as diversas identidades culturais que estão à nossa volta, a fim de aprender a conviver e a respeitar a diversidade de culturas e etnias que povoam o nosso país.

O Projeto TANARTE³⁷, apresentado à Direção da escola para aprovação em 2004, salientava que a legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e no desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório na Educação Básica. O projeto ainda destaca que o conhecimento da arte abre perspectivas para que o educando tenha uma compreensão do mundo, integrando o sonho e a realidade, o concreto e o virtual, ampliando, dessa forma, a produção e a criação de trabalhos artísticos. Assim, o projeto orienta os alunos no modo de pensar e agir, na perspectiva de formação de uma nova sociedade intercultural.

O Projeto TANARTE propõe um espaço aberto à comunidade escolar e ao seu entorno, para mostrar a produção artística dos alunos no decorrer do ano letivo. O objetivo é conhecer melhor a vida da escola e vivenciar as experiências de classe e extra-classe.

³⁷ A sigla TANARTE, a exemplo da UNIARTE, faz referência ao nome da Escola Estadual Presidente Tancredo Neves, à qual une-se a palavra Arte.

Os trabalhos apresentados são orientados a partir de uma variedade de temas, técnicas e materiais, permitindo ao sujeito o uso individual de sua sensibilidade e criatividade, a partir da experiência de vida de cada um.

No item “justificativa” o projeto TANARTE destaca que a arte exerce e sempre exerceu atração especial no ser humano, devido à interatividade entre arte e conhecimento, uma vez que o conhecimento nasce de uma relação estética com o mundo. Destaca ainda que nós precisamos sentir o mundo para conhecê-lo. Nesse sentido, Duarte Jr. (2001, p.12-3) afirma que:

De pronto e ao longo da vida aprenderemos sempre com o “mundo vivido”, através de nossa sensibilidade e nossa percepção, que permitem nos alimentarmos dessas espantosas qualidades do real que nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção do sentido primeiro. O mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível. E, de acordo com Nicola Abbagnano, o sensível é “aquilo que pode ser percebido pelos sentidos”. Nesta acepção, o sensível é o objeto próprio do conhecimento sensível, assim como o inteligível é o próprio conhecimento intelectual.

Por intermédio das obras e da História da Arte, expressamos sentimentos e pensamentos por meio de ações e produtos que são percebidos pelos sentidos. A arte nos permite a interação objetiva com o nosso universo interior e com o daqueles que se aproximam, sentem as obras.

Em eventos como o TANARTE, o processo de ensino e aprendizagem acontece além da sala de aula, ou seja, o próprio espaço de exposição torna-se veículo do ensinar e aprender arte, aliando professor e aluno. Em qualquer construção do conhecimento em arte, acredita-se que a mediação se dá pelo entrosamento entre o professor e o aluno; a escola constitui esse espaço de mediação dos conteúdos. Logo, é função do professor de arte proporcionar um diálogo aberto a seus alunos e a outros

sujeitos envolvidos nesse ambiente, dando à arte um sentido próprio, fundamentado e mostrando que ela possui uma linguagem que lhe é inerente.

Desde a infância, segundo Meira (2002), somos rodeados de manifestações culturais que, de uma maneira ou de outra, influenciam em nosso gosto e prazer por diversos modos de pensar ou sentir, e sem percebermos que estamos em contato com a arte, na infância e na adolescência, apurando nossa visão estética do mundo e da própria vida.

No projeto TANARTE, o sujeito é educado gradativamente, aprende a apreciar, a julgar, a gostar e, principalmente, a se posicionar em relação ao outro, à sua obra e ao seu fazer artístico. A professora responsável pelo projeto nos afirma que:

Sou uma das professoras da Tancredo Neves de arte, me formei no Curso de Educação Artística da UNIGRAN, participei de várias montagens e preparações da UNIARTE. Sei qual o perfil do evento e vejo a sua importância para o desenvolvimento cultural do sujeito. Quando propus o projeto TANARTE para a direção da escola, foi todo baseado no projeto da UNIARTE que eu já conhecia e sempre achei muito legal.

Segundo Ferraz e Fusari (1999, p. 17), “os autores artistas com suas diferentes idades e maturidades pessoais, ao produzirem suas obras procuram imaginar e inventar formas novas, com sensibilidade, e que são representações e expressões do mundo natural e cultural por eles conhecido”. Concordando com as autoras, acreditamos que os artistas fazem isso em diversas linguagens artísticas e em diferentes níveis de manifestação criativa de seus pensamentos e emoções. De acordo com Martins (1998, p. 8):

Quanto mais o aprendiz tiver oportunidade de re-significar o mundo por meio da especificidade da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora terá para formar consciência de si mesmo e do mundo. Desvelar/ampliar, como termos interligados, são ações que se auto-

impulsionam, como pólos instigadores para poetizar, fruir, conceituar e conhecer arte elaborando sempre novas relações com o já sabido.

Seguindo o pensamento de Martins, o sujeito construirá sua trajetória a partir da produção artística contextualizada, sendo, conseqüentemente, construído, também, como indivíduo crítico, ativo, criativo e capaz de produzir sua própria visão poética, resultante do convívio com obras e exposições possibilitadas pela escola. Um professor da escola em visita à TANARTE comenta:

Eu já tenho participado de outras edições da TANARTE, e percebo que nossos alunos gostam muito desta atividade, que além de ser educativa é também social, pois recebemos um grande número de pessoas da nossa comunidade escolar, as famílias participam, elas vêm olhar os trabalhos de seus filhos. Não sou professora de arte na escola, mas, ajudo as professoras responsáveis na montagem da exposição. Fui algumas vezes também a UNIARTE, a com certeza a idéia de se fazer a TANARTE surgiu por causa da UNIARTE.

É de responsabilidade da escola organizar e sistematizar atividades educativas, em que o fazer e o apreciar caminham junto com a história, com a herança cultural e com a contextualização da leitura de uma obra de arte, seja esta obra sua ou do outro.

Na escola Presidente Tancredo Neves a arte é vista como disciplina obrigatória e não como uma simples atividade ou uma seqüência de fazeres e de exercícios artísticos que levam o educando a apenas reproduzir obras de arte, como é muito comum nas escolas brasileiras.

Em uma conversa informal com o Diretor da escola, perguntei se poderia gravar um depoimento dele sobre a TANARTE. Ele me respondeu: “Por que eu? A professora de arte poderá falar melhor do que eu. O que posso dizer é que o projeto TANARTE é muito bacana”. Percebe-se, assim, um constrangimento por parte do professor e diretor da escola. Acredito que isso aconteça pela pouca intimidade que tem

com a arte, não se sentindo à vontade para falar sobre o assunto, nem mesmo como Diretor da escola.

Diante disso, percebemos que em espaços no qual a arte funciona como adereço para outras disciplinas, como “mera decoradora”, esta apenas se presta para enfeitar eventos e espaços físicos, organizar festividades e datas comemorativas. É preciso rever esses conceitos trabalhados nas escolas, pois, segundo Janson (1992, p. 10):

A arte é muito mais do que uma decoração, é uma forma ideal carregada de significações. A arte permite transmitir a percepção de coisas que não podem ser expressas de outra forma. A arte vale pela sua importância simbólica. Pois na arte como na linguagem o homem é um criador de símbolos, através dos quais nos transmite, de um modo novo pensamentos complexos.

Romper com a visão cristalizada e passiva do ensino de arte passa a ser, então, um desafio de escolas e de professores compromissados com a arte e com os sujeitos ali envolvidos, além de servir de instrumento de inserção destes em um mundo globalizado, fragmentado e mutante, no qual os saberes são constantemente alterados por novos saberes.

O projeto TANARTE, acontece há três anos consecutivos e, durante esse período, já foi possível perceber, através de dados coletados na própria escola Presidente Tancredo Neves e na comunidade do seu entorno, que o evento cresceu em relação ao número de obras e de visitantes. Conforme depoimento de uma professora da escola, durante a III TANARTE,

Estou trabalhando nesta escola há apenas um ano, sou nova por aqui, mas achei este projeto bastante interessante, percebo o grande número de visitantes da comunidade aqui do bairro, você mesmo está vendo e pode comprovar e o número de trabalhos do ano passado para este também cresceu.

Uma outra professora disse o seguinte:

Eu tenho participado das outras edições da TANARTE, ou melhor, estava na escola quando a professora de arte propôs o projeto à Direção. Acompanhei a primeira, a segunda e agora a terceira edição, reparei uma evolução do decorrer destes anos, as obras aumentaram e o público visitante também, as pessoas da comunidade participam e valorizam os trabalhos de seus filhos, netos, amigos. A feira de arte dura o dia inteiro e a noite ainda temos momento cultural com musica, dança e teatro.

Ouvimos também alguns depoimentos de alunos da escola.

Eu adoro trabalhar ajudando na montagem da exposição, gosto também de ficar nas salas de aula que estão com trabalhos para explicar as pessoas que visitam como é feito cada um, a professora disse que isto é importante, na UNIARTE quando vamos visitar também tem estes alunos que explicam sobre as obras.

Outro aluno, ao falar sobre a TANARTE diz

Sinto orgulho de ver meus trabalhos sendo visto por outras pessoas que não são os meus colegas de aula, na primeira vez fiquei com um pouco de vergonha, mas agora aprendi que cada pessoa faz arte do jeito que sente, aprendi isto com minha professora e também quando fui na UNIARTE vi tanta coisa diferente que entendi que as pessoas fazem arte hoje não só para ficar bonito mas também para mostrar alguma coisa.

Para Canclini (2003, p.178) “[...] todos os homens resolvem as mesmas necessidades com diferentes recursos, e de modos diferentes todas as culturas são igualmente valiosas”.

Pode-se concluir, por esses últimos depoimentos, que a UNIARTE influencia nas ações do projeto como um todo.



Figura 59 e 60: III TANARTE: Exposição de trabalhos artísticos. Foto Katiúscia Oliveira



Figura 61 e 62: III TANARTE: Exposição de trabalhos artísticos. Foto Katiúscia Oliveira



Figura 63 e 64: III TANARTE: Apresentações artístico-culturais. Foto Katiúscia Oliveira

De acordo com os depoimentos, foi possível observar que a TANARTE tem cumprido um papel importante na comunidade de seu bairro, pois é o único projeto que leva para dentro da escola um número expressivo de visitantes para apreciar a arte.

Percebemos também, pelos sujeitos envolvidos, alunos, professores e visitantes da comunidade local, que a TANARTE agrega, em um mesmo espaço, uma variedade de identidades, cada qual com suas diferenças. Todas convivendo no mesmo ambiente de harmonia, reflexão e respeito mútuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal dessa dissertação foi o de realizar um estudo sobre as possíveis mudanças do olhar de professores e alunos dos ensinos fundamental e médio, da região de Dourados, a partir da UNIARTE, tendo como foco principal as duas últimas edições, porque nelas estão concentradas as visitas mais expressivas.

A necessidade do homem de conhecer a sua história faz com que ele busque, pesquise, refaça o percurso histórico que lhe permita sua reconstrução, uma vez que, cada um traz consigo uma bagagem cultural diferenciada. Essa mistura de culturas e a abertura de fronteiras que caracterizam o Mato Grosso do Sul, tornam o estado muito rico na variedade de linguagens e objetivos. Os artistas e os arte-educadores, imbuídos de tantas

diferenças, são hoje sul-mato-grossenses e é, a partir deles, que o processo cultural de nossa região se torna aberto para a construção de seus valores.

Pode-se observar que Dourados constrói, aos poucos, sua história cultural e o faz com a certeza de que as artes são de fundamental importância para o desenvolvimento humano. Abrimos, hoje, um leque de possibilidades, no qual o homem pode descobrir novas realidades e novas propostas de requalificação dos valores culturais. Sabemos que coexistem várias culturas, vários sistemas de valoração e de relações sociais. É preciso acreditar que o homem constrói seu presente e projeta um futuro melhor.

A trajetória percorrida por esta dissertação vem mostrar que estamos constantemente fazendo e vivendo a educação. Não podemos pensar em educação nos dias atuais sem agregarmos a ela valores fundamentais para a formação do sujeito do século XXI, suas vivências, sua identidade e a sua cultura que devem ser o ponto de partida para uma educação intercultural.

Partindo do objetivo descrito: durante a realização do evento, através da observação, perceber e identificar as mudanças de olhar sensível e de mundo, capazes de oportunizar um olhar mais aberto para a diversidade, para o outro, a partir da visitação à UNIARTE, demonstra que as oportunidades apresentaram-se de forma a permitir a compreensão das mudanças de olhares de um grupo de sujeitos que, prontamente, atenderam às solicitações por meio de entrevistas e conversas informais, quanto ao significado da UNIARTE como capaz de despertar novos olhares.

Se tomarmos como ponto de partida que uma educação intercultural deve iniciar do entrosamento do sujeito, permitindo a troca de saberes e de experiências vividas, a UNIARTE mostrou que se movimenta, propõe mudanças e procura criar novos caminhos por meio da arte; dá oportunidade ao indivíduo de ganhar sua própria expressão como

protagonista de sua história, estimulando a ampliação de sua consciência e o aprofundamento no legítimo exercício da liberdade.

Na busca por alcançar seus objetivos, a UNIARTE mostrou que provoca e acompanha esse movimento, tentando abrir janelas para novas perspectivas sobre o conhecimento, com uma postura crítica e lúcida perante o outro, de modo a respeitar as diferenças. Isso fica corroborado nas falas dos sujeitos da pesquisa e de outros envolvidos indiretamente

A conclusão deste trabalho permitiu-nos reconhecer a importância de um legado próprio constituído pela presença da UNIARTE em Dourados e região, ao mesmo tempo em que salienta a necessidade de projetos e pesquisas para a melhor compreensão da arte e da educação intercultural.

Particularmente, em relação ao *corpus* desta pesquisa, evidencia-se a representatividade da UNIARTE, que se configura numa síntese emblemática da arte-educação em nosso município, caracterizada aqui pelas suas duas últimas edições. É parte ilustrativa desse *corpus* de análise as entrevistas e os relatos orais e escritos coletados durante o desenvolvimento da pesquisa, tornando-a ainda mais valiosa.

Diante do exposto, há que se sublinhar, que os resultados desta dissertação, já anunciados ao longo desses capítulos, demonstraram amplamente o espectro que compõe o projeto UNIARTE. Tal projeto encontra-se solidamente consubstanciado nas matrizes de um imaginário que serviu de base, como demonstrado, para o profícuo exercício da arte e da educação intercultural na região.

Embora este trabalho não termine aqui e se mantenha dentro das limitações de espaço e tempo pertinentes à natureza do estudo, a utilização dos conceitos de interculturalidade, identidade e diferença permitiram revelar que a UNIARTE contribui

para as mudanças de olhar. O evento propõe uma atitude crítico-reflexiva sobre a arte-educação e colabora para uma melhor recepção da obra de arte em nossa região.

Contudo, a certeza da existência da diversidade de olhares traz também a certeza de que novos olhares permitirão novos estudos que, por sua vez, trarão novas respostas.

Sendo assim, concluímos que a UNIARTE, não só vem oportunizando a inúmeros professores e alunos uma nova maneira de se perceber a arte, despertando neles um novo olhar, como também se mostra como terreno fértil para a construção de novos conhecimentos, à medida que desperta novos olhares.

6 REFERÊNCIAS

AUGUSTO Rodrigues - O artista que amava Penedo e as mulheres. **Jornal Nariz da Índia**. Penedo, mar.–abr. 2000. Disponível em: <<http://www.penedo.com/augusto.php>>. Acesso em: 12/02/07.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **A imagem do ensino da arte**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Arte-educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonade, 1985.

_____. (Org.) **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva: 1978.

_____. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Revista Digital Art&, São Paulo, out. 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-00/artigos.htm>>. Acesso: 12/02/07.

_____. (Org.). **Artes Visuais: da exposição à sala de aula**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Recorte e Colagem: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Amália. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005 (p. 143-152).

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Secretaria de Educação Médio. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo : Iluminuras, 2003.
- _____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2003.
- CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Sociedades e cultura (s): questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHEVALIER, Jaes; GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. Trad. Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1971.
- DUARTE JR., João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. Campinas: Papirus, 1988..
- _____. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar Edições, 2001
- _____. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1983.
- ESCOLA. In: Novo dicionário Aurélio eletrônico – século XXI. São Paulo: Nova Fronteira/ MGB Informática, 1999. Versão 3.0.
- FERRAZ, M.H.C.T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FLEURI, Reinaldo Matias. (Org.) **Educação Intercultural**. Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FRANGE, Lucimar Bello P. **Noemia Varela e a arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.
- _____. **Por que se esconde a violeta?** São Paulo: Annablume, 1995.
- FUSARI, Maria Felismina de Rezende; FERRAZ, Maria Heloisa. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Magistério, Série Formação do professor).

_____. **Metodologia do Ensino de Arte.** São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Magistério, 2º grau. Série Formação do professor).

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. Série Fundamentos.

GHIRALDELLI JR. Paulo. **História da educação.** 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau. Série Formação do professor).

GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do estado de Mato Grosso do Sul:** destaque especial ao município de Dourados. Dourados: Prefeitura Municipal, 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al* Belo Horizonte: UFMG: Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HELENA, Lúcia. **Modernismo brasileiro e vanguarda.** São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

JANSON, H. W. Introdução. In **História da arte.** Trad. J. A. Ferreira de Almeida e Maria Manuela Rocheta Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LANGER, Susanne. **A importância cultural da arte.** In: Ensaios filosóficos. São Paulo: Cultrix, 1972,p.81-90

LORO, Telma Valle de; FERREIRA, Áurea Rita Ávila Lima. **Manifestações literárias em Dourados.** Rio de Janeiro: Presença, 1985.

LOWENFELD, Victor; BRITTAN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: MestreJou, 1970.

MARTINS, Mirian Celeste. **Aprendiz de arte:** trilhas do sensível olhar presente. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

_____. **Didática do ensino da arte:** a língua do mundo: realizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MEIRA, Marly. **Educação Estética e as Artes do Fazer.** Tese de doutorado em Educação PPGEDU/FACED/UFRGS, 2002.

_____. **Filosofia da criação:** reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MEIRA, Ribeiro Mirela. **Estudo crítico sobre uma forma alternativa de arte-educação: caso da escolinha de arte de Bagé.** 1984. Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2001.

NASCIMENTO, Elvira. **II encontro de escolinhas de arte do Rio Grande do Sul**. Palestra de abertura proferida na FUMBA/Bagé, 1984.

READ, Herbert. **A arte de agora agora**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

_____. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O sentido da Arte**: esboço da história da arte, principalmente da pintura e da escultura, e das bases dos julgamentos estéticos. Trad. E. Jacy Monteiro. 4. ed. São Paulo: IBRASA, 1978.

RICHTER, Ivone Mendes. A pluralidade cultural e o ensino da arte. In: CORRÊA, Ayrton Dutra (Org.). **Ensino de artes**: múltiplos olhares. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 141-173.

_____. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

RIGOTTI, Paulo Roberto. **As artes plásticas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e a presença da modernidade nas produções pictóricas de Lídia Baís**. 2000. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

_____. (Org.). Programa e Resumos. In: **XXII UNIARTE** – abordagens contemporâneas em arte: produção, ensino e crítica. Dourados: UNIGRAN, 2006.

RODRIGUES, Augusto. O movimento das escolinhas da arte e suas perspectivas. **Jornal arte e educação**. Rio de Janeiro, jul. ano 1 n.12, 1972.

ROSSINI, Tavares de Lima. **Abecê do folclore**. 5. ed. São Paulo: Ricordi, 1972.

_____. **Uma experiência criadora na educação Brasileira**. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. MEC/INEP, n. 130, jul/set 73, v.59.

SAVIANI, Demerval. **Política e educação no Brasil**: o papel do Congresso Nacional na Legislação do Ensino. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

STRINCKLAND, Carol. **Arte comentada**: da Pré-história ao Pós-Moderno. Trad. Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

UNIARTE, 21 – **multiculturalidade, interculturalidade e arte contemporânea em Mato Grosso do Sul**. Dourados: UNIGRAN, 2005. 6 p. Programa, 3. out.-7. out. 2005, Centro Universitário da Grande Dourados/UNIGRAN.

UNIARTE, 22 – **abordagens contemporâneas em arte**: produção, ensino e crítica. Dourados: UNIGRAN, 2006. 6 p. Programa, 23. out.-27. out. 2006, Centro Universitário da Grande Dourados/UNIGRAN.

VIDAL, Lux; SILVA, Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luis Donizete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. 2. ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1998. p. 369-401.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado *et al* História da educação: escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994 Coleção aprender e ensinar.

7 BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 8. ed. Campinas: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

ARRUDA, Gilmar. **Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Laranjeira**. Londrina: Editora UEL, 1997.

ARGAN, Giulio Carlo. **A arte moderna**. Trad. Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Arte e crítica de arte**. Trad. Helena Tubernatis. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BIASOLO, Carmen Lucia Abadie. **A formação do professor de arte: do desenho...à encenação**. Campinas: Papirus, 1999.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

COLL, C.; TEBEROSKY, A. **Aprendendo Arte**. São Paulo: Ática, 2000.

DE CAMILLIS, L. S. **Criação e docência em arte**. Araraquara: JM Editora, 2002.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual: mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. *et al* **Aprendendo com as inovações nas escolas**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

KELLI, Celso. **Arte e comunicação**. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio eletrônico – século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira/ MGB Informática, 1999. Versão 3.0.

FERREIRA, S. (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Ágere).

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1990.

FREIRE, Madalena (Org.). **Avaliação e planejamento a prática educativa em questões instrumentos metodológicos II**. 3. ed. São Paulo: Espaço pedagógico, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GARDNER, H. **Arte, mente e cérebro**: uma abordagem cognitiva da criatividade. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2003.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. **Subsídios teóricos – metodológicos de Artes Plásticas e Artes Musicais**. Campo Grande: SED/MS, 1998.

ORMEZZANO, Graciela (Org.). **Questões de artes visuais**. Passo Fundo: UPF, 2004.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, história e ensino**: uma trajetória. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

OSTROWER, Faiga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre : Artmed, 20

RIGOTTI, Paulo Roberto. As artes plásticas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (Org.). **Literatura comparada: interfaces e transições**. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001. p. 189-198.0.

PILAR, Analice Dutra. (Org.) **A educação do olhar no ensino das artes**. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

ROSA, Maria da Glória Sá; MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara Negreiros Duncan. **Memória da Arte em MS**: histórias de vida. Campo Grande: UFMS/CECITEC, 1992.

SANTAELLA, Lúcia (**Arte**) & (**Cultura**): equívocos do elitismo. São Paulo: Cortez, 1982.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte:** um paralelo entre arte e ciência. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.